

Universidade Federal de Minas Gerais

**ALTERAÇÃO SEGMENTAL EM  
SEQÜÊNCIA DE VOGAIS ALTAS NO  
PORTUGUÊS DE BELO HORIZONTE**

Eliana Castelli Santiago

Belo Horizonte

2005

Eliana Castelli Santiago

**ALTERAÇÃO SEGMENTAL EM SEQUÊNCIA DE  
VOGAIS ALTAS NO PORTUGUÊS DE BELO  
HORIZONTE**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Linha de Pesquisa: Linha D - Estrutura Sonora da Comunicação Humana

Orientadora: Prof<sup>a</sup> . Dr<sup>a</sup> . Thaís Cristófaros-Silva

Belo Horizonte  
Faculdade de Letras de UFMG  
2005

**Dissertação intitulada “Alteração segmentais em seqüência de vogais altas no português de Belo Horizonte”, de autoria da mestranda Eliana Castelli Santiago, aprovada em 12/07/2005 pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores doutores:**

---

Thaïs Cristófar-Silva – Orientadora

---

Christina Abreu Gomes - UFRJ

---

Ana Cristina Fricke Matte- UFMG

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esta dissertação ao meu marido, Mauricio, que tanto me incentivou e me apoiou. Foi ele quem me impulsionou a continuar nos momentos em que pensava em desistir. Foi ele quem sempre abriu mão de seus afazeres para me ajudar. Foi ele quem administrou com extrema competência nossas lojas para que sobrasse mais tempo para eu estudar. Foi ele quem sempre fez emergir a minha determinação em meio a tantas preocupações e desilusões. A você, meu amor minha eterna admiração e gratidão.

# AGRADECIMENTOS

Quero agradecer à todos aqueles que nestes últimos anos fizeram parte deste capítulo da minha vida e que de alguma forma me impulsionou e me ajudou a concluir essa dissertação.

➤ agradeço à Deus, criador e doador da vida, por me dar força, serenidade e lucidez todos os dias;

➤ agradeço à minha orientadora Prof<sup>a</sup> Thäis Cristófaró que compartilhou comigo seus conhecimentos, que me incentivou e me mostrou a importância de concluir projetos. Devo a ela cada etapa dessa dissertação que de forma magistral conduziu essa orientação;

➤ ao Prof. Marco Antônio Oliveira pela paciência em me ouvir e pelo incentivo;

➤ à Prof<sup>a</sup> Evelyne Dogliani que me fez ver as pessoas e o mundo de forma mais séria, responsável e profissional, além de partilhar seus valiosos conhecimentos;

➤ ao Leandro pela enorme contribuição na análise estatística dos dados;

➤ à Ana Lúcia e à Nádia que me auxiliaram na transcrição e digitação das entrevistas;

➤ aos meus informantes que contribuíram para que a minha dissertação descrevesse um pouco da nossa comunidade de fala;

➤ agradeço à minha família que mesmo sem entender nada do que eu falava sempre me ouviu com paciência e sempre acreditou em mim;

➤ aos colegas e professores que convivi neste período que tanto enriqueceram meu estudo e minha vida;

➤ aos meus eternos amigos Túlio, Cristiana e Fernando, Agda e Roberto, Rose e Afonso, por estarem sempre presentes, por serem tão carinhosos, e pelos momentos de alegria que passamos no nosso “m<sup>2</sup>” que me fizeram esquecer as adversidades e me incentivaram a prosseguir;

➤ à “Tuti” que sempre cuidou de todo o operacional doméstico;

➤ à Joana, Fá e à Lú que gerenciaram nossas lojas com tanta dedicação para que eu pudesse estudar tranqüila; e,

➤ finalmente, agradeço ao meu querido marido, amigo e companheiro pelo seu carinho, compreensão e paciência.

## RESUMO

O objetivo desse estudo foi o de oferecer uma contribuição para compreendermos melhor os casos em que há alteração segmental em seqüência de segmentos altos no Português Brasileiro de Belo Horizonte quando em posição adjacente. Esta dissertação apresentou uma análise fonética destacando as propriedades articulatórias das vogais altas do português brasileiro, assim como uma descrição fonológica dos segmentos altos e ditongos dentro da perspectiva da Fonologia Gerativa e da Fonologia Autosegmental. Este estudo apresentou as possíveis seqüências de vogais altas no português brasileiro, ou seja, seqüência de vogais altas idênticas, seqüência de vogal alta posterior seguida de vogal alta anterior e seqüência de vogal alta anterior seguida de vogal alta posterior. Dois casos que apresentam alteração segmental em seqüência de vogal alta anterior tônica adjacente a vogal alta posterior átona foram considerados em detalhe neste estudo. O corpus foi constituído de 363 dados, coletados a partir de entrevistas com 16 informantes da comunidade de fala de Belo Horizonte de ambos os sexos, distribuídos em duas classes sociais distintas e duas faixas etárias. Após análise estatística e qualitativa esse estudo observou que o cancelamento da vogal alta posterior átona final é maior em casos com a seqüência “inho” em formas de diminutivos, que os falantes do sexo masculino cancelam mais e que a classe social baixa apresenta altos índices de redução da vogal átona final.

# LISTA DE FIGURAS, GRÁFICOS, QUADROS E TABELAS

FIGURA 1 - Propriedades articulatórias do segmento vocálico [i] .....	19
FIGURA 2 - Propriedades articulatórias do segmento vocálico [u] .....	19
FIGURA 3 - Estrutura de uma sílaba .....	20
FIGURA 4 - Articulação da vogal oral [i] .....	43
FIGURA 5 - Articulação da nasal palatal [ɲ] .....	43
GRÁFICO 1 - Total geral de reduções para cada tipo de seqüência .....	82
GRÁFICO 2 - Total geral do sexo para os três casos .....	83
GRÁFICO 3 - Total geral de reduções da faixa etária para os três casos .....	84
GRÁFICO 4 - Total geral de reduções da classe social para três casos .....	85
GRÁFICO 5 - Total geral de reduções do número de sílabas para três casos .....	86
GRÁFICO 6 - Total de reduções da classe gramatical para os três casos .....	87
GRÁFICO 7 - Total de reduções do sexo para os diminutivos .....	89
GRÁFICO 8 - Total de reduções da faixa etária para os diminutivos .....	90
GRÁFICO 9 - Total de reduções da classe social para os diminutivos .....	91
GRÁFICO 10 - Total de reduções do sexo para a seqüência [i u] .....	96
GRÁFICO 11 - Total de reduções da classe social para a seqüência [i u] .....	98
GRÁFICO 12 - Índice de Redução nos Dados Gerais .....	101
GRÁFICO 13- Índice de Redução em relação à seqüência [ɪɲʊ] em diminutivos .....	103
QUADRO 1 - Palavras diminutivas com maior índice de ocorrências .....	105
TABELA 1 - Matriz de traços distintivos das vogais altas e semivogais do português brasileiro .....	26
TABELA 2 - Casos especiais .....	35
TABELA 3 - Casos especiais considerados nesta pesquisa .....	48

TABELA 4 - Features characterizing the neogrammarian and lexical-diffusion models..	55
TABELA 5 - Codificação dos informantes .....	62
TABELA 6 - Informantes nascidos e residentes em Belo Horizonte .....	62
TABELA 7 - Crescimento da população de Belo Horizonte no período de 1950-2000 ..	67
TABELA 8 - População residente segundo idade e sexo, por Unidade de Planejamento - 2000 .....	68
TABELA 9 - Parâmetros sociais e estruturais adotados .....	78
TABELA 10 - Total geral de reduções .....	82
TABELA 11 - Total geral de reduções para cada tipo de seqüência .....	82
TABELA 12 - Total geral de reduções do sexo para os três casos .....	83
TABELA 13 - Total geral de reduções da faixa etária para os três casos .....	84
TABELA 14 - Total geral de reduções da classe social para os três casos .....	85
TABELA 15 - Total geral de reduções do número de sílabas para os três casos .....	86
TABELA 16 - Total geral de reduções da classe gramatical para os três casos .....	87
TABELA 17 - Total de reduções do sexo para os diminutivos .....	88
TABELA 18 - Total de reduções da faixa etária para os diminutivos .....	90
TABELA 19 - Total de reduções da classe social para os diminutivos .....	91
TABELA 20 - Total de reduções da classe gramatical para os diminutivos .....	92
TABELA 21 - Total de reduções do sexo para os não diminutivos .....	93
TABELA 22 - Total de reduções do faixa etária para os não diminutivos .....	94
TABELA 23 - Total de reduções da classe social para os não diminutivos .....	94
TABELA 24 - Total de reduções da classe gramatical para os não diminutivos .....	95
TABELA 25 - Total de reduções do sexo para a seqüência [i u] .....	96
TABELA 26 - Total de reduções da faixa etária para a seqüência [i u] .....	97
TABELA 27 - Total de reduções da classe social para a seqüência [i u] .....	97

# SUMÁRIO

DEDICATÓRIA .....	03
AGRADECIMENTOS .....	04
RESUMO .....	05
LISTA DE FIGURAS, GRÁFICOS E TABELAS .....	06
CAPÍTULO I .....	11
INTRODUÇÃO .....	11
1. Organização do trabalho .....	15
CAPÍTULO II .....	17
IDENTIFICAÇÃO DO PROBLEMA .....	17
1. Características fonéticas dos segmentos altos do português brasileiro .....	17
2. Características fonológicas dos segmentos altos do português brasileiro .....	23
2.1- Fonologia gerativa .....	24
2.2 - Fonologia autosegmental .....	27
3. Vogais altas adjacentes no Português Brasileiro .....	30
1 - Comportamento das vogais altas .....	30
A - Seqüência de vogais altas iguais .....	31
1 - Vogais altas idênticas que se fundem .....	31
2 - Vogais altas idênticas que formam hiato.....	32
B - Seqüência de vogais altas distintas .....	33
3 - Vogais altas distintas que formam hiato .....	33
4 - Vogais altas distintas que formam ditongo decrescentes .....	34
C - Vogais altas adjacentes: Casos especiais .....	34
5.a. - Vogais altas distintas [i] átono + [u] tônico .....	36
5.b. - Vogais altas distintas [i] tônicos + [u] átono .....	37
5.c. - Vogais altas na seqüência [ĩɲu] .....	37
5.d. - Vogais altas com glide intervocálico .....	38
5.e. - Vogais altas na seqüência [iʎu] .....	39
2. Casos considerados nesta pesquisa .....	39

1 - Caso Especial 1 .....	41
1.1. Natureza fonética da seqüência “inho” .....	41
1.2. Natureza morfologia do sufixo “inho” .....	43
2 - Caso Especial 2 .....	47
CAPÍTULO III .....	49
REFERENCIAL TEÓRICO .....	49
1. Introdução .....	49
2. Modelo neogramático .....	51
3. Difusão Lexical .....	53
CAPÍTULO IV .....	59
METODOLOGIA .....	59
1. Introdução .....	59
2. Coleta dos dados .....	60
3. A comunidade de fala .....	63
1. Dados históricos .....	63
2. Dados sócio-econômicos .....	66
3. Dados demográficos .....	67
4. Seleção dos informantes .....	69
4.1. Sexo .....	69
4.2. Faixa etária .....	71
4.3. Classe social .....	72
5. As entrevistas .....	74
6. Parâmetros estruturais .....	76
1. Ambiente fonético .....	76
2. Número de sílabas .....	77
3. Classe gramatical .....	77
4. Estrutura morfológica .....	78
7. Transcrição dos dados .....	79
CAPÍTULO V .....	81
ANÁLISE DOS DADOS .....	81
1 Análise geral dos dados .....	81

2. Análise dos dados com a seqüência [ɨ̃u] - Diminutivo .....	88
3. Análise dos dados com a seqüência [ɨ̃u] - Não-diminutivo .....	93
4. Análise dos dados com a seqüência [iu] .....	96
5. Discussão dos resultados .....	99
6. Comportamento do indivíduo e da palavra .....	100
CAPITULO VI .....	107
CONCLUSÃO .....	107
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	110

# CAPÍTULO I

## INTRODUÇÃO

A linguagem é um fenômeno social e por isso sujeita a influências externas e pressões que vão determinar uma série de variações. Como as necessidades lingüísticas dos falantes são alteradas no decorrer do tempo e em um mesmo intervalo de tempo, é natural que um sistema lingüístico sofra alterações no sentido de cumprir as suas funções comunicativas. “As marcas lingüísticas sujeitas à variação dependem da ação das variáveis estruturais, sociais e outras, empregadas com maior ou menor probabilidade” (Mollica, 1998, p.15). Essa é uma das razões básicas que fazem com que a língua tenha variações e sofra, conseqüentemente, mudanças lingüísticas.

Este estudo pretende oferecer uma contribuição para melhor compreendermos os casos em que há alteração segmental em seqüência de segmentos altos adjacentes no português brasileiro entre os falantes de Belo Horizonte. Dentre a variabilidade desses segmentos altos observados podemos destacar que um deles pode ser cancelado ou pode se formar um ditongo. Assim durante o discurso informal, o falante tende a usar “cachorrim” ao invés de “cachorrinho”, “fri” ou invés de “frio”, “véi” ao invés de “véio”.

Apesar do cancelamento da vogal alta final “u” na seqüência “inho” do diminutivo ser um fenômeno conhecido entre os belo-horizontinos existem poucas referências sobre sua descrição. Contudo, na Universidade Federal da Paraíba, em um estudo sobre o uso dos diminutivos –inho e –zinho na fala pessoense, Barros, 1998, p.327 faz o seguinte recorte em sua pesquisa:

“Dispensamos os dados de analfabetos e primários, por encontrarmos uma variação dos próprios sufixos diminutivos /-inho/ e /-zinho/, em /im/ e /zim/, pois, nossa meta neste estudo é a de averiguar a variação entre o /-inho/ e o /-zinho/. Coincidentemente o /im/ e /zim/ são bastante produtivo na fala desses informantes. O que nos leva a confirmar a hipótese de MONTEIRO (1997) de que a escolha entre /-inho/ e /-im/, assim como /-zinho/ e /zim/ esteja relacionada à escolaridade, à classe social ou origem do falante”.

Monteiro (1997) diz o seguinte em seu estudo sobre os falantes de Fortaleza:

“A variante /im/ é altamente produtiva no dialeto cearense e deve ser interpretada a nosso ver como uma simples alteração de /-inho/. É provável que a escolha entre /-inho/ e /-im/ dependa de fatores ligados à escolaridade, à classe social e cidade de origem do falante. Esse alomorfe /im/ não se confunde, pois, com o que ocorre em *festim* ou *tamborim*, que, segundo Cunha & Cintra (1985), constitui importação do francês /-in/ ou do italiano /-ino/. Este último, ao contrário do /im/, tão freqüente no dialeto cearense (cf. *bonitim*, *bichim*, *filhim*, *sabidim*, *tudim* etc.), é de baixa produtividade no português atual.”

Gomes (2003) em um ensaio literário retira de Guimarães Rosa alguns exemplos que apresenta a redução da vogal alta posterior:

“Há, entre as palavras não-dicionarizadas, aquelas cujo matiz arcaico se faz pela ocorrência de metaplasmos, de alterações fonéticas, o que se verifica também em Guimarães Rosa. Tais palavras podem, ou não, registrar, em dicionário, uma forma correspondente, estatuída como oficial. De Guimarães Rosa, extraídos de Grande Sertão: veredas, ilustram o primeiro caso: “satanazim”, “patavim”, “asp’ro”, “arrearare”, “essezim”, “tirotêi”. As formas diminutivas “satanazim” e “essezim” exemplificam a apócope e, ao lado da alteração fonética do sufixo, “inho”, remetem ao tom arcaizante que Guimarães Rosa deu à linguagem literária, inscrevendo-a como voz do povo”.

Nota-se que nas pesquisas citadas acima, a descrição da alteração segmental da seqüência “inho” em “im” está intimamente relacionada com a fala de pessoas de classe social baixa ou pessoas da zona rural ou é uma forma sem prestígio social. Observamos que a fala do personagem de quadrinhos “Chico Bento” utiliza variações do dialeto mineiro, inclusive a redução da vogal alta átona final [u] como em “cachorrim”. Sendo a personagem “Chico Bento” da zona rural associa-se a alteração segmental da seqüência “inho” ao “dialeto caipira”. Como este estudo irá fazer uso de alguns pressupostos metodológicos da sociolinguística, poderemos observar a correlação entre fatores sociais e fatores linguísticos.

Além de avaliar as características sociais correlacionadas a alteração segmental da seqüência “inho”, este estudo investigou a alteração segmental em seqüência [i.u], como em [ˈtʃi.u] > [ˈtʃi] para “tio”. A idéia central a ser investigada é que a alteração segmental da seqüência de “inho” – que diz respeito ao cancelamento da vogal [u] final – pode refletir aspectos mais gerais da organização sonora do português de Belo Horizonte em que vogais altas adjacentes estejam em conflito. Este estudo pretende ser uma contribuição a esta proposta.

Além da contribuição desta pesquisa aos estudos da sonoridade do português brasileiro contemporâneo, esta pesquisa espera ter propósitos pedagógicos. A alteração segmental da seqüência “inho” apresenta correlato na escrita como em “baixim” que compete com padrões ortográficos do português como em “assim”. Espera-se que este estudo possa contribuir para o avanço dos estudos lingüísticos, assim como melhorar o ensino de língua portuguesa nas escolas que, de antemão, adotam o padrão culto como forma privilegiada e correta em seus programas de ensino. Cunha (1976, p.46) já destacava esse problema e afirma:

“Uma perfeita visão das formas da língua falada, sabemos todas, é indispensável para que possamos ter uma idéia mais concreta da deriva do idioma, do que nêle vive e do que foi superado, dos pontos suscetíveis de rutura, e para que, sôbre essa realidade, venhamos a estabelecer normas exeqüíveis e não continuemos a entorpecer o ensino com aquilo que, hoje está morto e frio.”

Cagliari (1991, p.34), afirma que no ensino de português, nenhuma disciplina tais como a Pedagogia, Psicologia, Metodologia, Fonoaudiologia, etc, pode substituir o conhecimento lingüístico que o professor deve ter.

“Sem uma base lingüística verdadeira, as pessoas envolvidas em questões de ensino de português acabam ou acatando velhas e erradas tradições de ensino ou se apoiando explicita ou implicitamente em concepções inadequadas de linguagem.”

Neste estudo foi adotada a abordagem da Difusão Lexical como base teórica para a descrição da alteração segmental da seqüência de vogais altas adjacentes no português brasileiro de Belo Horizonte. A abordagem difusionista foi adotada em contrapartida ao modelo neogramático, legado que herdamos, a partir da segunda metade do século XIX. Para os neogramáticos “a mudança lingüística se dava num processo de regularidade absoluta, isto é, as mudanças afetavam a mesma unidade fônica em todas as suas ocorrências, no mesmo ambiente fonético, em todas as palavras, não admitindo exceções” (Faraco, 1998). Para eles, as mudanças sonoras estavam subordinadas às *leis fonéticas* que não admitiam exceções. Os estudos lingüísticos do século XIX foram praticamente norteados por essa visão teórica. As principais críticas ao modelo neogramático foram feitas por vários lingüistas devido ao caráter categórico das leis fonéticas, de sua aplicação cega e sem exceções. Mas, foram Cheng e Wang que, em 1969, propuseram uma nova teoria para explicar o fenômeno da variação sonora – a difusão lexical. Essa nova teoria aponta para o fato de que uma lei fonética estende seu escopo de atuação gradualmente a uma porção cada vez maior do léxico até que todos os itens relevantes tenham sido transformados pelo processo. A diferença entre as duas teorias está no objeto acarretador de mudança: o **som** ou a **palavra**. Para os neogramáticos o que muda é o som e para os difusionistas, a mudança ocorre nas **palavras** e sua grande preocupação está em explicar **como** uma mudança se implementa (*implementation*) e **por que** (*actuation*) (Chen e Wang, 1975). Além disso, como veremos, a Difusão Lexical acomoda melhor o fenômeno de variação e mudança lingüística, uma vez que leva em consideração o indivíduo como fator condicional de uma variação lingüística e avalia a palavra individual como parâmetro de análise.

A teórica da Difusão Lexical será apresentada mais adiante no terceiro capítulo. Contudo, dentro de uma perspectiva sociolingüística, foram utilizados nesse estudo alguns pressupostos metodológicos da sociolingüística quantitativa propostos por William Labov

(1972). Por isso, esse estudo considerará fatores externos ou sociais como idade, sexo e classe social, e, parâmetros estruturais como ambiente fonético seguinte à seqüência de vogais altas adjacentes, número de sílabas, classe gramatical e estrutura morfológica. Os dados coletados através de entrevista de campo serão submetidos a uma análise qualitativa e quantitativa correlacionando os fatores sociais e os fatores estruturais.

Reporto-me ainda a Guimarães Rosa que diz que “toda língua são rastros de velhos mistérios”. Cabem a nós lingüistas decifrá-los e descrevê-los. Portanto, o objetivo que guia essa pesquisa é oferecer uma contribuição para compreendermos melhor os casos em há alteração segmental em seqüências de vogais altas adjacentes no Português Brasileiro de Belo Horizonte, com enfoque central no cancelamento da vogal alta posterior átona final em três casos específicos.

## 1. ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

Essa dissertação, além do capítulo primeiro, introdutório, está organizada da seguinte maneira:

- no **segundo capítulo**, identificação e descrição do comportamento das vogais altas em posição adjacente no Português Brasileiro; suas propriedades fonéticas e fonológicas; detalhamento dos casos observados assim como apresentação de algumas hipóteses de trabalho;
- no **terceiro capítulo**, discussão dos pressupostos teóricos do modelo neogramático e da difusão lexical;

- no **quarto capítulo**, apresentação da metodologia utilizada na seleção dos informantes, na coleta e classificação dos dados, além de uma descrição da comunidade de fala de Belo Horizonte, seus aspectos históricos, sociais e demográficos;
- no **quinto capítulo**, apresentação da análise quantitativa e qualitativa dos dados;
- e, finalmente, no **sexto capítulo** apresento as conclusões deste estudo.

## **CAPÍTULO II**

### **IDENTIFICAÇÃO DO PROBLEMA**

Esse estudo avalia alguns casos em que vogais altas apresentam variabilidade quando adjacentes no português brasileiro, por isso, esse capítulo irá descrever, detalhadamente, aspectos fonéticos e fonológicos relacionados às vogais altas no português brasileiro, uma vez que o objeto de estudo dessa dissertação é oferecer uma contribuição para compreendermos melhor os casos em que há variabilidade em sequência de vogais altas adjacentes. A seguir será apresentada a descrição fonética dos segmentos altos do português brasileiro de Belo Horizonte, ressaltando sobretudo suas características articulatórias. Será também apresentada uma descrição fonológica dos segmentos altos e ditongos dentro da perspectiva da Fonologia Gerativa e da Fonologia Autogmental. Todos os casos de encontro de vogais altas adjacentes observados no português brasileiro de Belo Horizonte que serão considerados nesta pesquisa são discutidos. Finalmente, algumas hipóteses de investigação são apresentadas e o foco central da análise é definido.

#### **1- CARACTERÍSTICAS FONÉTICAS DOS SEGMENTOS ALTOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Segundo Callou e Leite, 1990, a fonética estuda os sons como entidades físico-articulatórias isoladas. Cabe à fonética descrever os sons da língua e analisar suas particularidades articulatórias, acústicas e perceptivas. A seguir veremos como as vogais altas são descritas foneticamente.

As vogais são segmentos produzidos sem nenhuma obstrução da corrente de ar no trato vocal. As vogais, geralmente, são picos de sílabas e são, tipicamente, caracterizadas de acordo com três parâmetros articulatórios: altura da língua, anterioridade da língua e arredondamento dos lábios.

No parâmetro altura da língua, a altura representa a dimensão vertical ocupada pela língua dentro da cavidade bucal. Quanto à altura da língua as vogais podem ser: alta, média-alta, média-baixa e baixa. Já o parâmetro anterioridade da língua, diz respeito à posição do corpo da língua na dimensão horizontal durante a articulação do segmento vocálico. Quanto à anterioridade da língua, as vogais podem ser anterior ou posterior. Quanto ao arredondamento dos lábios, as vogais podem ser arredondadas ou estendidas (Cristófarosilva, 1999, p.66-68).

Temos, então, três parâmetros relevantes na classificação das vogais. Vejamos como as vogais altas são classificadas segundo estes parâmetros.

Nesta pesquisa serão considerados os segmentos vocálicos altos [i, u]. Observe a seguir nas FIG. 1 e FIG. 2 que ambas as vogais são altas devido à altura do corpo da língua o que as faz similares. Contudo, a vogal alta [i] é anterior e tem o lábio estendido e a vogal alta [u] é posterior e tem o lábio em posição arredondada. Assim, as vogais altas são similares quanto à altura, mas têm parâmetros articulatórios distintos quanto à anterioridade da língua e ao arredondamento dos lábios que as caracterizam como diferentes. Na FIG.1 são apresentadas as propriedades articulatórias do segmento vocálico “i”, ou seja, a altura, a anterioridade da língua e o arredondamento dos lábios do segmento vocálico “i”, e na FIG. 2 são apresentadas a altura, a anterioridade da língua e o arredondamento dos lábios do segmento vocálico “u”.

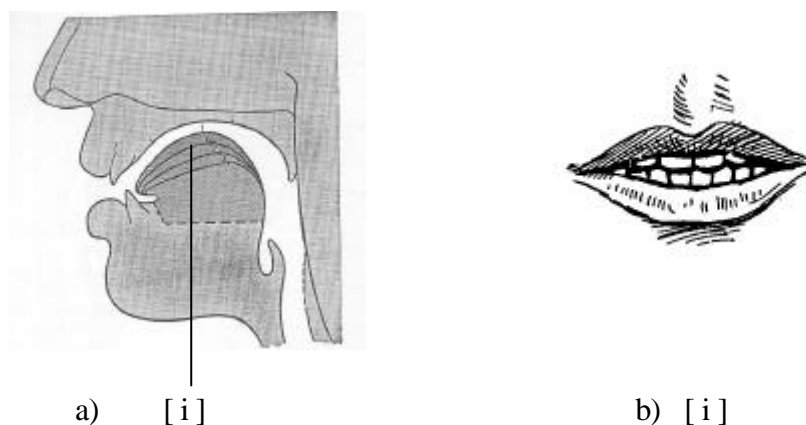


FIGURA 1 – Propriedades articulatórias do segmento vocálico [i]

- a) Posição anterior da língua para a articulação do segmento [i]
- b) Posição do lábio estendido

Fonte: Jones, 1969, p.17-20.

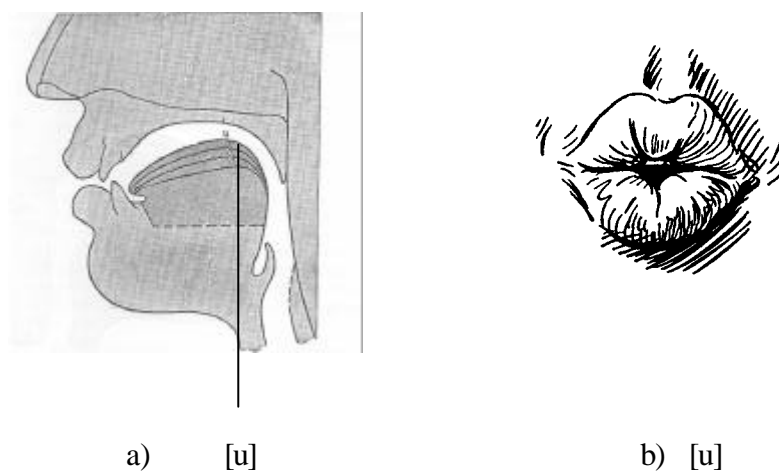


FIGURA 2 – Propriedades articulatórias do segmento vocálico [u]

- a) Posição posterior da língua para a articulação do segmento [u]
- b) Posição do lábio arredondado

Fonte: Jones, 1969, p.17

As vogais altas podem ainda ser tensas ou frouxas. As vogais tensas são produzidas com maior esforço muscular enquanto que as vogais frouxas são produzidas com menor esforço muscular. Geralmente, as vogais tensas são mais longas do que as vogais

frouxas. Segmentos frouxos ocorrem no português brasileiro em vogais átonas finais, como por exemplo, “frangu”, “anju”. As vogais altas frouxas (átonas postônicas) em “patu, safari” podem ser contrastadas com as vogais altas tensas (tônicas) em “jacu, saci” (Cristófaros-Silva, 1999, p.72). Observamos, então, que, no português brasileiro, as vogais tensas são tônicas e as frouxas átonas.

Outras informações são, ainda, importantes para esse trabalho, que são as noções de sílaba, ditongos e glide ou semivogal. A seguir cada um destes conceitos será definido. Para a maioria das pessoas é fácil dizer quantas sílabas existem em uma determinada palavra. Contudo, os lingüistas não acham tarefa fácil definir uma sílaba, e, por isso, existe um grande debate sobre como uma sílaba deve ser definida. Esse estudo adota a teoria proposta pelo psicólogo Stetson (1951), (apud Cagliari, 1982), que explica a sílaba em termos do mecanismo de corrente de ar pulmonar. Essa teoria sustenta que na produção do mecanismo de corrente de ar pulmonar o ar não é expelido dos pulmões com uma pressão regular e constante. Os movimentos de contração e relaxamento dos músculos respiratórios expõem continuamente pequenos jatos de ar. Assim, cada contração e cada jato de ar expelido constitui a base de uma **sílaba**. “The syllable is essentially a *movement* of the speech organs, and not a characteristic of the *sound* of speech.” (Abercrombie, 1969, p.35).

Considere a FIG. 3:

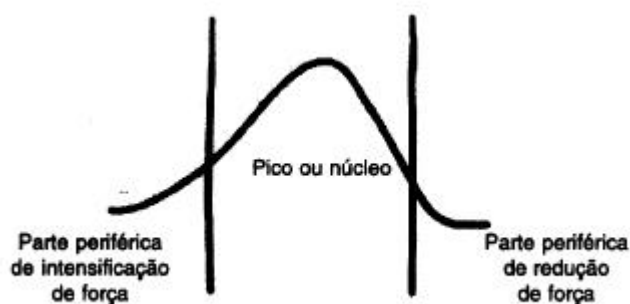


FIGURA 3 – Estrutura de uma sílaba

Fonte: Cagliari, 1981, p.101

A FIG.3 mostra que a sílaba é formada por três partes: um pico ou núcleo preenchido, obrigatoriamente, por uma vogal e duas outras partes periféricas, opcionais e preenchidas por segmentos consonantais. Observe a palavra “atroz”. A sílaba inicial apresenta apenas o segmento vocálico “a” que, conseqüentemente, preenche todas as partes da estrutura da sílaba e é o núcleo da sílaba. A sílaba seguinte “troz” que tem como núcleo a vogal “o”, na sua parte periférica à esquerda tem duas consoantes: “tr”. Já a parte periférica à direita é preenchida pela consoante “z”. Assim, a primeira sílaba da palavra “atroz” tem um único segmento (**a**) e a segunda sílaba da tem quatro segmentos (**troz**).

A noção de sílaba é importante para compreendermos os ditongos . Ditongos e hiatos se relacionam com seqüência de vogais. Quando duas vogais em seqüência estão em sílabas diferentes temos um hiato: “pa.ís, ju.iz”, etc. Quando duas vogais estão numa mesma sílaba temos um ditongo. Portanto, o ditongo nada mais é do que uma seqüência de segmentos. Um dos segmentos é uma vogal que é o núcleo da sílaba e o outro segmento é um glide ou semivogal. Em um ditongo ocorre um movimento contínuo e gradual da posição da língua entre duas posições articatórias. Assim, em um ditongo, a vogal e o glide são pronunciados na mesma sílaba. Observe a transcrição da palavra “pais”: [ˈpaɪ̯s]. Os dois segmentos vocálicos [a] e [ɪ̯] ocupam uma única sílaba. A vogal [a] representa o núcleo ou pico da sílaba. Já o glide [ɪ̯] não recebe acento e por isso não pode constituir uma sílaba independente. Deste modo, num ditongo temos um núcleo que representa a parte central da sílaba e a parte periférica ocorre juntamente com a vogal.

Os ditongos podem ser crescentes ou decrescentes. Os ditongos crescentes são formados pela seqüência glide-vogal. Alguns exemplos no português brasileiro são: “séria, cárie, aéreo, árdua, tênue, nacional, estacionamento, coelho, quiabo”. Observe que o glide inicial do ditongo crescente pode ser [ɪ̯] ou [ʊ̯]. Os ditongos decrescentes são formados pela seqüência vogal-glide e, no português brasileiro, podem ser orais ou nasais: “pau” [paʊ] e

“pão” [pã̃ũ]. Assim como os ditongos crescentes, o glide final dos ditongos decrescentes pode ser [ɪ̃] ou [ũ̃]. Alguns exemplos: “lei, boi, fui, réu, ruim, fugiu, põe, órfão”.

Consideremos em maior detalhes os glides que já foram mencionados na discussão dos ditongos. Glides, semivogais ou vogais assilábicas são segmentos que podem apresentar tanto características vocálicas quanto consonantais, isto é, ou apresentam livre passagem da corrente de ar ou não. Alguns autores consideram a vogal assilábica como uma consoante (Barbosa, 1965; Head 1964). Entretanto, Mattoso Câmara, 1975, p.46 apresenta argumentos que justificam sua posição contrária que afirma ser as vogais assilábicas, segmentos vocálicos no português brasileiro. Primeiramente, para o autor se considerarmos a semivogal uma consoante estaríamos aumentando o número de fonemas ao incorporarmos /y, w/ ao inventário de fonemas do português brasileiro. Em segundo lugar ele se refere à possibilidade de se encontrar um / r / brando depois de ditongo, uma vez que esta consoante só existe em português entre vogais. Dessa forma cria-se uma oposição com / r / forte como nos pares: “era/erra, caro/carro, foro/forro, coro/corro”. Já entre consoante e vogal, assim como em posição inicial, no português brasileiro, só ocorre / R / forte: “guelra, , genro, bilro, Israel, rato”. Assim, diante dessa propriedade fonêmica do / r / fraco e a sua presença entre ditongo e vogal como em “Laura” ou “europeu”, o autor é forçado a interpretar a vogal assilábica, mesmo em termos fonêmicos como uma vogal (alofone assilábico de uma vogal, e, nunca, como uma consoante). Diante do exposto, podemos dizer que em português os glides são classificados como segmentos vocálicos e são representados foneticamente pelos seguintes símbolos: [ɪ̃] e [ũ̃]. Como vimos na descrição da palavra “pais”, o glide é um segmento com características fonéticas de uma vogal distinguindo-se pelo fato de não poder constituir uma sílaba independente. Segundo Mattoso Câmara, 1975, p.45 quando uma vogal, em vez de ser o centro da sílaba, fica numa de duas margens, como as consoantes, ocupa a posição de vogal assilábica. Para o autor, o ditongo é o resultado de uma vogal modificada

por outra na mesma sílaba. A discussão apresentada acima indica a natureza interpretativa dos glides como segmentos vocálicos dentro da abordagem fonêmica sugerida por Mattoso Câmara, 1975.

Esta seção apresentou a descrição fonética dos segmentos altos do português brasileiro e dado o fato de que vogais altas podem vir a alternar com glide no português brasileiro, esse estudo está interessado em investigar o que acontece com as vogais altas no português brasileiro quando adjacentes. Isto porque as vogais altas tornam-se glides quando adjacentes a uma outra vogal. A seguir, vamos observar como a alternância entre vogais e glides é tratada na literatura fonológica. Veremos como o encontro de segmentos altos adjacentes é descrito dentro da perspectiva da Fonologia Gerativa e da Fonologia Autogmental.

## **2 – CARACTERÍSTICAS FONOLÓGICAS DOS SEGMENTOS ALTOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Como foi apresentado na seção anterior, a preocupação da Fonética está em descrever os fatos físicos e articulatórios que caracterizam lingüisticamente os sons da fala. Sua análise baseia-se nos processos de percepção e produção dos sons. Enquanto a Fonética é descritiva, a Fonologia é interpretativa. Uma análise fonológica está baseada no valor dos sons dentro de uma língua (Cagliari,1997, p.7). O propósito da fonologia é mostrar os sons de uma língua que têm valor distintivo, isto é, que servem para distinguir palavras, e chegar a afirmações o mais gerais possível sobre a natureza dos sistemas de sons das línguas. (Crystal, 2000, p.116). Dentro desse princípio, surgiram várias correntes que tratam do componente sonoro: Fonêmica, Fonologia Gerativa, Fonologia Natural, Fonologia Autosegmental, Fonologia Lexical, etc.

Na seção anterior vimos a característica fonética dos segmentos altos no português brasileiro. Vimos também que os glides no português brasileiro devem ser interpretados como segmentos vocálicos de acordo com a proposta fonêmica que é apresentada por Mattoso Câmara, 1975. Nesta seção será explorada a interpretação dos glides no português brasileiro de acordo com os modelos Gerativo e Fonologia Autogmental.

## 2.2. – FONOLOGIA GERATIVA

Dentre as correntes teóricas, o modelo da Fonologia Gerativa foi talvez o que causou mais impacto e o que mais ofereceu instrumentos aos estudos teóricos e metodológicos atuais devido ao “poder” de generalizações. Esse modelo baseou-se na proposta apresentada no livro *The sound pattern of English* de Chomsky & Halle (1968). A Fonologia Gerativa em contrapartida ao modelo estruturalista da época oferece um mecanismo de formalização altamente elaborado que expressa as generalizações de sistemas fonológicos. Desta forma, para esse modelo quanto mais geral o processo, mais simples e econômica deverá ser sua formalização. Processos fonológicos são formalmente descritos por regras fonológicas.

Dentro da Fonologia Gerativa a representação segmental é entendida como um conjunto de feixe de traços distintivos presentes para cada um dos segmentos da língua. O sistema de traços distintivos proposto por Chomsky & Halle (1968) combinam propriedades articulatórias com propriedades acústicas.

Vejamos, então, como funciona o sistema de traços. Em 1961, Jakobson, Fant & Halle estabeleceram um inventário mínimo de traços fonológicos, dentre eles: traços prosódicos e inerentes, traços de sonoridade e de tonalidade. Dois traços inerentes de

sonoridade – vocálico/não-vocálico, consonantal/não consonantal – caracterizavam quatro grandes classes de sons: as consoantes, as vogais, as líquidas e os glides (Callou & Leite, 1990, p. 64):

	Vogal	Consoante	Líquida	Glide
consonantal	-	+	+	-
vocálico	+	-	+	-

Chomsky e Halle (1968) apresentam outro sistema de traços fonológicos que não se preocupa com um inventário de traços, mas sim com traços que visam caracterizar os sons que funcionam conjuntamente em regras fonológicas e propiciar a formalização mais econômica de processos fonológicos. Uma vez que é comum as consoantes nasais funcionarem como líquidas, seria necessário um traço fonológico que permitisse juntar consoantes nasais, líquidas, glides e vogais, separando-as das verdadeiras consoantes: oclusivas, fricativas e africadas. Dessa forma, os traços [consonantal] e [vocálico] foram mantidos, sendo o traço fonológico [vocálico] substituído pelo traço fonológico [silábico] e o traço fonológico [soante] foi introduzido. Assim, as consoantes nasais, líquidas, glides e vogais são [+soante] e as demais consoantes são definidas como [-soante] (Callou & Leite, 1990, p.65).

Observe na TAB.1, a seguir, a caracterização segmental em traços fonológicos ou distintos das vogais altas e semivogais do Português Brasileiro elaborada a partir dos traços distintivos de Chomsky e Halle (1968).

TABELA 1

Matriz de traços distintivos das vogais altas e semivogais do português brasileiro

Traços distintivos	Vogais					
	i	j	y	h	u	w
silábico	+	-	+	-	+	-
consonantal	-	-	-	-	-	-
alto	+	+	+	+	+	+
posterior	-	-	-	-	+	+
arredondado	-	-	+	+	+	+

Os segmentos [j], [h] e [w] são semivogais.<sup>1</sup>

Fonte: Cagliari, 1997, p. 69

Observe que a Fonologia Gerativa caracteriza as vogais [i] e [u] com o traço fonológico [+alto] . As vogais altas podem se tornar um glide ou uma semivogal, se houver alteração no traço silábico, ou seja, se um traço [+silábico] se tornar [-silábico] teremos um glide. Dessa forma as vogais e glides se distinguem quanto a dois traços: [+/- consonantal] e [+/- silábico]. Consoantes são sempre [+consonantais] e [-silábicos]. As vogais são [+silábicas] e [-consonantais] e os glides são [-consonantais] e [-silábicos]. O traço [+silábico] explica um fenômeno recorrente nas línguas do mundo que é o processo de uma vogal alta se tornar um glide. O traço [+silábico] contribuiu para explicarmos um problema fonológico específico: vogais altas tornam-se glides. Contudo, surgiram alguns problemas teóricos dentro da Fonologia Gerativa. Tais problemas foram explicitados pela fonologia não-linear e, posteriormente, com maior penetração a Fonologia Autosegmental de Goldsmith, 1990. Na próxima seção veremos, então, como a Fonologia Autosegmental avaliou a alternância de vogais altas e glides .

<sup>1</sup> Na TAB. 1 os segmentos /j, w/ representam os glides [ɨ, ʉ].

## 2.2 – FONOLOGIA AUTOSEGMENTAL

Uma das propostas mais inovadoras dos últimos anos, que procura responder à necessidade de revisão das hipóteses tradicionais respeitantes à estrutura segmental, encontra-se na Fonologia Autosegmental. Tal teoria questiona a existência de generalizações sobre a distribuição dos tons em representação subjacente, generalizações essas que não podem ser expressas se os tons forem considerados como propriedades segmentais. Assim, foi proposta uma análise fonológica multilinear segundo a qual a organização fonológica pode ser colocada em níveis distintos, sendo os vários níveis organizados por linhas de associação e por uma condição de boa formação (Mateus, 1985, p.16)

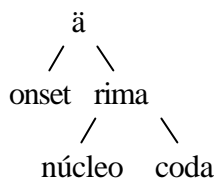
Em resumo a Fonologia Autosegmental postula que: a) uma representação subjacente para cada forma a ser analisada; b) níveis organizados hierarquicamente; e c) princípios gerais que atuam autonomamente em cada nível e regras particulares, selecionadas e ativadas diferentemente em cada língua.

A Fonologia Autosegmental apresenta, ainda, uma proposta teórica para a interpretação da sílaba. O status da sílaba nas representações fonológicas já havia sido observada por outros autores: (Kahn, (1976); Clements & Keyser (1983)).

Segundo a proposta Autosegmental, os traços distintivos [consonantal] e [silábico] são excluídos das representações, uma vez que há a presença de posições esqueléticas do tipo C para consoantes e V para vogais.

Vejamos, então, como a Fonologia Autosegmental interpreta a sílaba. De acordo com Cristóvão-Silva (1999, p. 205), alguns princípios estão relacionados a silabificação ao nível P da palavra. Tais princípios geram a silabificação primária. Princípios são estabelecidos a partir das evidências lingüísticas e descrições estruturais das línguas naturais. A silabificação primária deve ter informações das regras particulares de cada língua derivando-

se uma representação superficial para cada palavra. Veja a seguir a estrutura interna básica da sílaba:

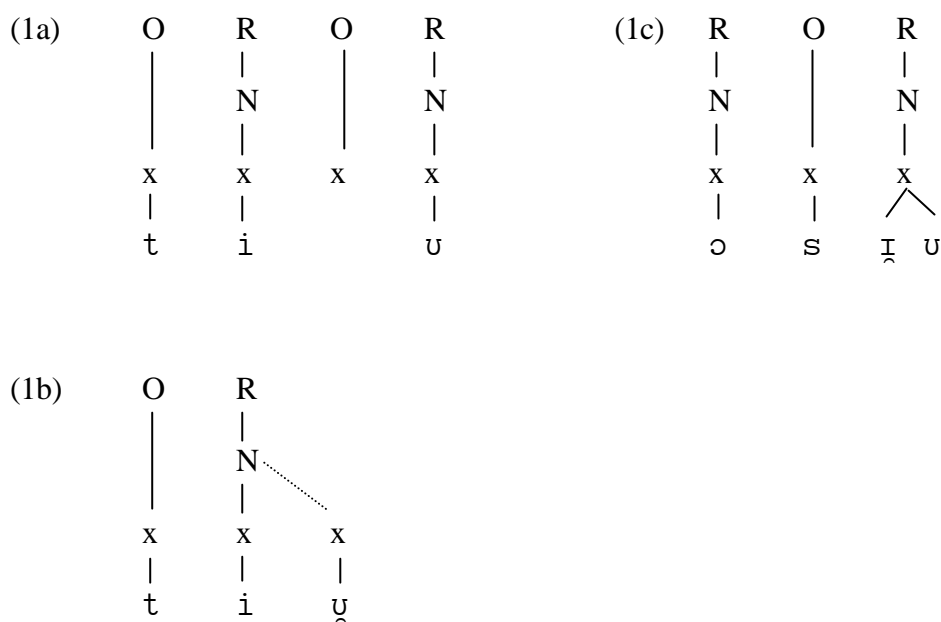


Cada constituinte silábico presente na estrutura da sílaba onset, núcleo e coda, associa-se a uma ou mais posições da camada CV. O onset precede a rima e associa-se a unidades C. O núcleo é uma posição obrigatória na estrutura silábica e associa-se, tipicamente, a unidades V. A rima segue o núcleo e associa-se, tipicamente, a unidades C.

Como, então, a Fonologia Autosegmental descreve a diferença entre uma vogal alta e um glide. Na Fonologia Autosegmental uma vogal é associada a um núcleo da sílaba e um glide está associado a uma posição não nuclear. É o mesmo segmento [i] e é o mesmo segmento [u] que caracterizam as vogais [i, u] e os glides [ɪ, ʊ]. O que determina se o segmento é uma vogal ou um glide é a posição que ele se associa na estrutura interna da sílaba. Uma posição de núcleo da sílaba define um segmento vocálico e uma posição não nuclear define um glide para as vogais altas. Então, quando uma vogal alta se torna um glide, na verdade, a sua representação na estrutura silábica foi alterada de uma posição nuclear (vogal) para uma posição não-nuclear (glide). Quando os segmentos [i] ou [u] são vogais eles estão associados a um núcleo. Se houver a desassociação do núcleo e for para outro constituinte não-nuclear, estes segmentos se tornarão glides.

Veremos como isso funciona na representação de um ditongo, uma vez que temos uma vogal alta e um glide envolvidos. A Fonologia Autosegmental assume que os ditongos podem ser leves ou pesados. Os ditongos leves são tipo glide-vogal [ɪu], como em “negóc[ɪu], pát[ɪu]”. Os ditongos pesados são do tipo vogal-glide [iʊ], como em “fr[iʊ], t[iʊ]”. Os ditongos representam posições nucleares que se relacionam entre si. Em (1a) temos

uma seqüência de posições nucleares que não interagem entre si e temos um hiato: [<sup>1</sup>t i. u] “tio”. Em (1b) temos duas posições nucleares que interagem formando um ditongo pesado: [<sup>1</sup>t i̯ u] “tio”. Em (1c) temos a representação de um ditongo leve sendo que os dois segmentos se associam a uma única posição nuclear: [<sup>1</sup>o s̩̯ u] “ócio”.



### 3 – VOGAIS ALTAS ADJACENTES NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

#### 1 – COMPORTAMENTO DAS VOGAIS ALTAS ADJACENTES

Vogais altas adjacentes podem alternar com um glide. Esse fenômeno é recorrente em várias línguas naturais. Considere os seguintes exemplos:

1 a) [sa'ia] “saía”

b) [ˈsaɪ̯a] “saia”

Em (1a) a vogal alta ocorre em posição intervocálica e se manifesta como um segmento vocálico. Em (1b) a vogal alta ocorre como um glide palatal em posição intervocálica. Dizemos que ocorre a alternância entre uma vogal alta em um glide correspondente em condições específicas que tem relação íntima com o padrão acentual da língua em questão. Vogais altas acentuadas permanecem vogais (1a) e vogais átonas podem alternar com seus respectivos glides (1b). As condições que caracterizam a alternância de vogais altas e glides são determinadas pela análise da língua em particular.

Portanto, para que haja alternância entre vogais altas e glides correspondentes, ou seja, para que um glide ocorra, duas condições devem ser satisfeitas:

- a) A vogal alta deve ser adjacente a outra vogal;
- b) A vogal alta não carrega o acento primário.

No português brasileiro, podemos observar a alternância das vogais altas e dos glides correspondentes tanto em formas nominais quanto em formas verbais. Considere alguns exemplos:

- 2 a) “fluí” [fluˈi]      “flui” [ˈfluɪ]<sup>2</sup>  
 b) “saí” [saˈi]      “sai” [ˈsaɪ]  
 c) “bahia” [baˈia]      “baiano” [baɪˈanɔ]  
 d) “saúde” [saˈudɛ]      “saudável” [saˈdaveɪ]

Nos exemplos de (2a) temos duas vogais altas adjacentes. Nos exemplos de (2b, c, d) temos uma vogal alta adjacente a uma vogal que não é alta. Os casos como (2b, c, d) em que uma vogal alta é adjacente a uma vogal que não é alta, observamos que uma sequência de vogais ocorre ou uma sequência de vogal e glide ocorre. Todos os casos em (2) ilustram a alternância entre vogais e glides no português brasileiro. Este trabalho focalizará casos em que duas vogais altas encontram-se adjacentes observando-se alterações segmentais neste contexto específico.

A seguir listamos cinco casos do português brasileiro em que as vogais altas ocorrem em posição adjacente e podem sofrer ou não alteração segmental.

## **A - SEQUENCIA DE VOGAIS ALTAS IGUAIS**

### **1 - Vogais altas idênticas adjacentes que se fundem = [i] + [i] - [u] + [u]**

As vogais médias átonas finais, tipicamente, se manifestam como vogais altas no português brasileiro:

- a) “chave”      [ʃave] > [ʃavɪ]  
 b) “pato”      [patɔ] > [patu]

<sup>2</sup> Somente vogal + [i] ocorre na morfologia verbal para expressar a conjugação em –ir. Não há conjugação em –ur e sequência vocálica de (i + u) não ocorre neste contexto.

Geralmente seqüências de segmentos vocálicos idênticos se fundem e apenas uma vogal se manifesta.

“cárie” [ˈkaɾiɐ] > [ˈkaɾiɪ] > [ˈkaɾɪ]

“árduo” [ˈaβ.duɔ] > [ˈaβ.duɯ] > [ˈaβ.du]

Estes casos se relacionam a formas nominais e a seqüência de vogais altas encontra-se em posição átona postônica. A vogal átona final remete a marca morfológica de gênero mas geralmente há marca de gênero adicional em pronomes, artigos, adjetivos que ocorrem em posição adjacente. O que observamos neste caso é a supressão de segmentos vocálicos adjacentes com qualidade vocálica idêntica. Veremos na seção 2, a seguir, que seqüência de vogais altas idênticas podem ser tipicamente preservadas na morfologia verbal. A tendência de fundir duas vogais iguais adjacentes numa única vogal é bastante geral na morfologia nominal do português brasileiro mesmo com vogais que não são altas:

“caatinga” [kaaˈtʃinga] > [kaˈtʃinga]

“cooperativa” [kooperaˈtʃiva] > [koperaˈtʃiva]

## 2 – Vogais altas idênticas adjacentes que formam hiato = [i] + [i] - [u] + [u]

Em certas seqüências de vogais altas idênticas em formas verbais como por exemplo, em “influencie” e “recuo” a seqüência de vogais altas é tipicamente preservada e ocorre um hiato com duas vogais altas adjacentes que apresentam a mesma qualidade vocálica. Neste caso, as vogais altas adjacentes não se fundem e uma seqüência de vogais ocorre:

“influencie” [ĩ.flu.ẽ.'si.ɪ]      “prestígie” [pres.tʃi.'gi.ɪ]  
 “recuo” [he.'ku.u]              “flutuo” [flu.'tu.u]

Nestes casos a vogal átona final apresenta conteúdo morfológico de marca de pessoa / tempo verbal.

## **B - SEQUÊNCIA DE VOGAIS ALTAS DIFERENTES**

### **3 – Vogais altas distintas que formam hiato = [u] + [i]**

Quando temos uma vogal alta posterior seguida de uma vogal alta anterior temos duas vogais altas distintas que tipicamente formam um hiato na morfologia nominal. Exemplo disso são as palavras “juízo” [ʒu.'i.zu] e “ruído” [ru.'i.du]. Contudo, vale destacar que essa sequência apresenta variabilidade como são os casos em algumas palavras em que ora a sequência de vogais altas [u] + [i] forma um hiato e ora essa mesma sequência forma um ditongo nasal decrescente.

“ruim” [hu.'i] e ['hũ̃ɪ]  
 “druida” [dru.'ida] e ['drũ̃.da]

Estes casos nos remetem a uma pesquisa futura em que deverá ser observada a variabilidade no comportamento da sequência de vogais altas adjacentes [u] + [i], especificamente em formas nominais.

#### 4 – Vogais altas distintas que formam um ditongo decrescente = [u] + [i] = [u̟̠]

Quando temos uma vogal alta posterior seguida de uma vogal alta anterior observamos que uma das vogais pode ser modificada por outra vogal numa mesma sílaba o que resulta em ditongo. Este fenômeno ocorre sobretudo na morfologia verbal.

Exemplos: “fui” [ˈfui̟̠]

“flui” [ˈflu̟̠]

Como foi apresentado até agora o encontro de vogais adjacentes (1-4) podem ser compreendidos em relação à estrutura silábica interagindo com a estrutura acentual. Ou as vogais altas adjacentes iguais se fundem como é o caso de (1), ou as vogais altas adjacentes formam hiato como os casos de (2) e (3) ou as vogais altas adjacentes formam ditongo como em (4). Vale ressaltar também que as vogais altas têm comportamento diferente em formas nominais (1) e nas formas verbais (2). A seguir discutimos a seqüência de vogal alta anterior [i] + vogal alta posterior [u].

#### **C - VOGAIS ALTAS ADJACENTES: CASOS ESPECIAIS**

A seqüência de vogais altas adjacentes sendo a primeira vogal alta anterior e a segunda vogal alta posterior apresenta casos especiais. Tais casos são especiais porque alteram a estrutura segmental: ou temos um hiato [iu], ou a segunda vogal da seqüência, i.e. [u] se torna um glide [u̟̠], ou segunda vogal da seqüência, isto é, vogal alta posterior [u] é

cancelada. Sincronicamente, tal variabilidade é observada em seqüência de vogal anterior adjacente a vogal alta posterior.

Considere a tabela de casos especiais a seguir:

TABELA 2

Casos Especiais

Casos especiais		Hiato	Glide	Vogal Cancelada	Nr. total de dados no corpus desta pesquisa
5a.	“negócio”	[ne.'gɔ.si.ʊ]	[ne.'gɔ.sɪ̯ʊ] [ne.'gɔ.si̯ʊ]	[ne.'gɔ.sʊ]	218
5b.	“frio”	[ 'fri.ʊ]	[ 'fri̯ʊ]	[ 'fri]	55
5c.	“baixinho”	[baɪ̯.'ʃĩɲ.ʊ]	[baɪ̯.'ʃĩ̯ʊ]	[bai 'ʃĩ]	253
	“carinho”	[ka 'rĩɲ.ʊ]	[ka 'rĩ̯ʊ]	[ka 'rĩ]	55
5.d.	“paio”	-	[ 'paɪ̯ʊ]	[ 'pai]	15
	“meio”	-	[ 'meɪ̯ʊ]	[ 'mei]	103
	“apoio”	-	[a 'poɪ̯ʊ]	[a 'poi]	3
5.e.	“baralho”	-	[ba 'raɣʊ]	[ba 'raɪ̯]	42
	“velho”	-	[ 'veɣʊ]	[ 'veɪ̯]	32
	“filho”	-	[ 'fiyʊ]	[ 'fi]	50
	“caolho”	-	[ka 'oyʊ]	[ka 'oɪ̯]	12

Todos os casos os casos apresentados na TAB. 2 envolvem formas nominais. Em formas verbais a seqüência de vogal alta anterior seguida de vogal alta posterior é preservada:

“influencio” [ĩfluẽ 'siu]      “prestigio” [prestʃ 'ziu]

Neste trabalho nos detemos às formas nominais, pois as formas verbais nos levariam a investigar a morfologia verbal que é bastante complexa no português brasileiro. Além do mais, como vimos nos casos de (1) a (4) considerados nas páginas precedentes, as vogais altas se comportam de maneira diferente em formas nominais e em formas verbais.

A seguir, cada um dos casos especiais apresentados na TAB. 2 envolvendo a seqüência de vogais altas adjacentes [i] + [u] serão apresentados separadamente. Finalmente, serão definidos e justificados quais os casos serão analisados detalhadamente neste estudo.

### **5.a. – Vogais altas distintas [i] átono + [u] tônico = “negócio”**

Quando em posição postônica as vogais altas adjacentes [i] + [u] podem formar um ditongo crescente, isto é, uma seqüência de glide-vogal em que a proeminência acentual ocorre na segunda vogal. Desta forma, o [i] átono se torna um glide [ɪ̯] e a vogal alta posterior [u] tem a proeminência acentual [ne 'gɔ.sɪ̯u]. Foi observado, ainda, que a seqüência de vogais altas adjacentes [i] + [u] podem formar um hiato, ficando dessa forma cada vogal alta em sílabas separadas ocupando o núcleo de cada uma das sílabas [ne 'gɔ.sɪ.u].

Podemos também ter um ditongo decrescente neste contexto, mas há baixos índices destes casos [ne 'gɔ.sɪu̯]. Finalmente, a vogal alta anterior pode ser cancelada: [ne 'gɔ.su].

**5.b. – Vogais altas distintas [i] tônico + [u] átono = frio (ditongo decrescente [i̯] ou redução de um segmento)**

As vogais [i] e [u] adjacentes podem ocorrer como uma seqüência de vogais ou podem formar um ditongo decrescente. Ou seja, temos uma seqüência de vogal-glide quando a primeira vogal da seqüência carrega o acento primário. Neste caso a proeminência acentual ocorre na primeira vogal.

Exemplos: “frio” [ˈfri.ɨ] ~ [ˈfri̯]

“tio” [ˈtʃi.ɨ] ~ [ˈtʃi̯]

Foi observado nesta seqüência, ainda, o cancelamento da vogal alta final. Esse caso é tratado como especial uma vez que altera a estrutura segmental, isto é, ou ocorre uma seqüência de vogais [ˈfri.ɨ], ou o encontro de vogais altas anterior e posterior forma um ditongo [ˈfri̯], ou a vogal alta final [u] é cancelada [ˈfri]. Este será um dos casos considerados em maiores detalhes nesta pesquisa por apresentar uma vogal alta anterior tônica seguida de uma vogal alta posterior átona que pode ser cancelada.

**5.c. - Vogais altas na seqüência [ĩɲʊ]**

A seqüência segmental [ĩɲʊ] pode ocorrer também como [ĩỹʊ] ou como [ĩʊ]. O que articulamos de fato no caso da consoante nasal palatal é uma vogal nasalizada com qualidade vocálica de [i] que pode ser omitida (Cristófar-Silva, 1999, p.61). Neste último caso temos uma seqüência de vogal alta tônica anterior [ĩ] seguida de uma vogal alta

posterior átona [u], ou seja temos [ĩu]. Neste caso pode ocorrer o cancelamento da vogal alta posterior final. Assim temos:

Exemplos: “baixinho” [baĩ̃'ɣĩu] ~ [baĩ̃'ɣĩ]

“bonitinho” [bunĩ'ʧĩu] ~ [bunĩ'ʧĩ]

Este caso será tratado em detalhes nesta dissertação por envolver uma seqüência de vogal alta anterior tônica seguida de uma vogal alta posterior átona que pode ser cancelada. Avaliaremos estes casos para as formas de diminutivo, [baĩ̃'ɣĩu] ~ [baĩ̃'ɣĩ] “baixinho”, e para os casos em que a seqüência segmental “inho” não exerce a função de diminutivos como em [vi'zĩu] ~ [vi'zĩ] “vizinho”.

#### **5.d. – Vogais altas com glide intervocálico = ditongos [eĩ̃], [aĩ̃], [oĩ̃] + [u] átono final (meio, Maio, apoio)**

O glide intervocálico [ĩ̃] seguido de vogal alta posterior átona pode apresentar o cancelamento da vogal átona final: ['meĩ̃u] ~ ['meĩ̃] “meio”. Observamos que as seqüências segmentais [eĩ̃], [aĩ̃], [oĩ̃] podem ser seguidas da vogal alta posterior átona final. O cancelamento da vogal alta posterior átona final após as seqüências [eĩ̃], [aĩ̃] ou [oĩ̃] pode ser observado nos seguintes exemplos:

Exemplos: “feio” [f'eĩ̃u] ~ [f'eĩ̃]

“meio” [m'eĩ̃u] ~ [m'eĩ̃]

### 5.e. – Vogais altas na seqüência [iʌu]

A vocalização da lateral palatal [ʌ] está tão presente na língua portuguesa do Brasil assim como nas línguas latinas. Em francês, por exemplo, a realização de “culler”, “tranquille” se dá com um segmento palatal vocalizado [y]. Em espanhol esse processo é conhecido por “yeísmo” presentes, por exemplo, nas palavras “caballo” e “llave”. No português brasileiro, a variação da lateral palatal intervocálica está ligada a fatores sociais e afetivos como aponta Madureira (1987). Contudo, o que observamos na fala de alguns informantes foi a realização de um segmento palatal vocalizado como em: [fiyo] “filho” e [trabaiyu] “trabalho”. Estes casos serão denominados vocalização da lateral palatal.

Representaremos a vocalização da lateral palatal por [y]: ['fiʌu] > ['fiyu] “filho”. A lateral vocalizada pode ser omitida ['fiyu] > ['fiu]. Nestes casos temos uma vogal anterior tônica seguida de uma vogal alta posterior átona que pode ser cancelada: ['fiu] ~ ['fi].

Na seção seguinte serão discutidos os casos especiais que definimos analisar nesta dissertação.

## 2 – OS CASOS CONSIDERADOS NESTA PESQUISA

Como foi apresentado na seção anterior, o encontro de vogais altas adjacentes em (1 - 4) podem ser compreendidos em relação à estrutura silábica interagindo com a estrutura acentual. Vimos em todos os cinco casos especiais (5.a. – 5.e.) apresentados na TAB. 2, que as vogais altas adjacentes quando na seqüência [i + u] apresentam variabilidade. Em todos os casos da TAB. 2 podemos observar o cancelamento da vogal alta posterior átona, exceto para o caso (5.a.) Reproduzimos a seguir a TAB. 2:

TABELA 2

## Casos especiais

Casos especiais		Hiato	Glide	Vogal Cancelada	Nr. de dados no corpus desta pesquisa
5a.	“negócio”	[ne.'gɔ.si.ʊ]	[ne.'gɔ.sɪ̯ʊ] [ne.'gɔ.si̯ʊ]	[ne.'gɔ.sʊ]	218
5b.	“frio”	[ 'fri.ʊ]	[ 'fri̯ʊ]	[ 'fri]	55
5c.	“baixinho”	[baɪ̯.'ʃĩɲ.ʊ]	[baɪ̯.'ʃĩ̯ʊ]	[bai 'ʃĩ]	253
	“carinho”	[ka 'rĩɲ.ʊ]	[ka 'rĩ̯ʊ]	[ka 'rĩ]	55
5d.	“paio”	-	[ 'paɪ̯ʊ]	[ 'pai]	15
	“meio”	-	[ 'meɪ̯ʊ]	[ 'mei]	103
	“apoio”	-	[a 'poɪ̯ʊ]	[a 'poi]	3
5e.	“baralho”	-	[ba 'raɪ̯ʊ]	[ba 'raɪ̯]	42
	“velho”	-	[ 'vɛɪ̯ʊ]	[ 'vɛɪ̯]	32
	“filho”	-	[ 'fiɪ̯ʊ]	[ 'fi]	50
	“caolho”	-	[ka 'oɪ̯ʊ]	[ka 'oɪ̯]	12

Nesta dissertação nos deteremos nos casos 5b. e 5c. (diminutivo e não diminutivo). Nestes casos temos uma vogal alta anterior tônica seguida de uma vogal alta posterior átona sendo que a vogal alta posterior átona final pode ser cancelada. Nos demais casos ilustrados na TAB. 2, o critério acentual de a vogal alta anterior ser tônica não se aplica, embora tenhamos em todos os casos, exceto (5a.), o cancelamento possível da vogal alta posterior átona final. Tais casos (5a., 5d., 5e.) somam 475 itens lexicais e foram desconsiderados nesta pesquisa. Contudo, foram registrados aqui com o intuito de remete-los a futuras pesquisas.

Sendo assim, esperamos nesta pesquisa oferecer subsídios para pesquisas futuras que investiguem os demais casos listados na TAB. 2. Os dados obtidos nesta pesquisa para os casos de 5b. e 5c. totalizam 363 itens lexicais que serão explorados na análise a ser apresentada posteriormente. A seguir exploramos os casos a serem tratados em detalhes nesta pesquisa.

## **1 – CASO ESPECIAL 1: Vogais altas na seqüência [ĩɲʊ] (5.c.)**

Como foi mencionado anteriormente, a redução da vogal alta posterior átona final foi inicialmente observada nesta pesquisa em casos de diminutivos. Por isso, esta seção explora a natureza fonética e morfológica da seqüência segmental [ĩɲʊ] no português brasileiro.

### **1.1. Natureza fonética da seqüência “inho”**

No português brasileiro, a consoante nasal palatal é representada, graficamente, pelo dígrafo *nh*, como em “vinho”, “vizinho”, “cachorrinho”. Segundo Cristófar-Silva (1999, p.60), “o segmento que na ortografia é representado pelo dígrafo “nh” (...) ocorre exclusivamente em posição intervocálica e a vogal precedente é geralmente nasalizada”. Desta forma, este estudo se ateu à seqüência de segmentos: vogal alta nasal [ĩ] + nasal palatal [ɲ] + vogal alta [ʊ]. A autora apresenta duas manifestações possíveis para o segmento que corresponde ao dígrafo “nh”, conforme (1):

- (1) a) a nasal palatal [ɲ]  
 b) um segmento vocálico nasalizado [ĩ]

Segundo, ainda, Cristófar-Silva (1999, p.61):

“Foneticamente o dígrafo “nh” corresponde à (*sic*) um segmento vocálico [i] nasalizado (como a vogal de “sim”). O que articulamos de fato então é uma vogal nasalizada com a qualidade vocálica de [ĩ]. Contudo, em termos distribucionais tal vogal ocupa a posição de uma consoante na estrutura silábica (no caso, o segmento correspondente ao dígrafo “nh”). Representamos tal segmento por [ĩ]. Note que na articulação de [ĩ] a língua não toca a região palatal.”

Observa-se que na articulação da forma (1a), ou seja, da consoante nasal palatal, ocorre obstrução da passagem de ar na região palatal quando a parte mediana da língua toca o palato. Já na articulação da forma (2b) a língua não toca a região palatal. Segundo Cristófar-Silva (1999, p.61), “vale ressaltar que na maioria dos dialetos do português brasileiro o som correspondente ao dígrafo “nh” é um segmento vocálico nasalizado, ou seja [ĩ]”.

A articulação da consoante nasal palatal ocorre na região palatal da cavidade oral e a obstrução é causada pela parte média da língua tocando o palato duro. Sabemos que as vogais nasais são produzidas com o abaixamento do véu palatino permitindo, assim, que o ar penetre na cavidade nasal. Observe nas figuras a seguir como os pontos de articulação da vogal [ĩ] (FIG. 4) e da consoante nasal palatal [ɲ] (FIG. 5) são na verdade muito próximos:

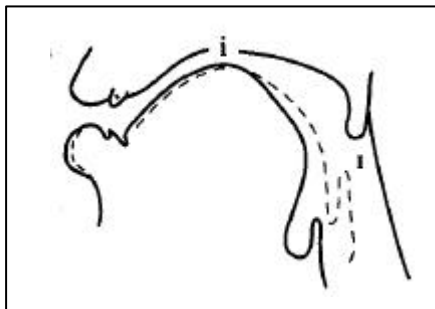


FIG. 4 – Articulação da vogal alta oral [i]

Fonte: Laver, 1994, p.291

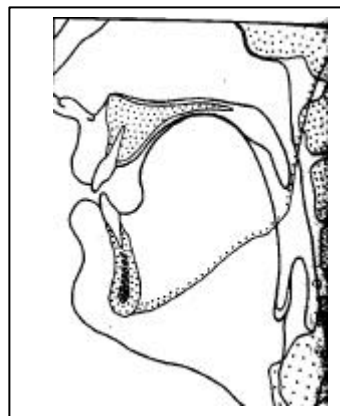


FIG. 5 – Articulação da nasal palatal [ɲ]

Fonte: Laver, 1994, p.210

A proximidade articulatória permite a seguinte dedução: o segmento [ɲ] é produzido como um segmento vocálico, ou seja, [ĩ], que na seqüência ortográfica -inho se manifesta como [ĩỹʊ]. Como temos uma seqüência de dois segmentos altos anteriores [ĩỹ] aquele que ocupa a posição não-nuclear na sílaba é cancelado: [ĩỹʊ] > [ĩʊ]. Portanto, estamos, mais uma vez, diante de uma seqüência segmental de vogal alta tônica seguida de vogal alta posterior átona

Na seção seguinte trataremos sobre a estrutura morfológica da seqüência “inho”.

## 1.2. Natureza morfológica da seqüência “inho”

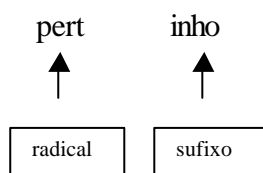
Morfologicamente, a seqüência “inh-” no português brasileiro representa o sufixo diminutivo. Segundo Rosa (2000, p.50) “cada morfema é um átomo de som e significado – isto é, um signo mínimo.” Sem entrar em detalhes sobre as questões que permeiam a análise de um morfema, isto é, segundo os modelos Palavra e Paradigma, Item e Arranjo e Item e Processo, passo a adotar a definição clássica de morfema acima.

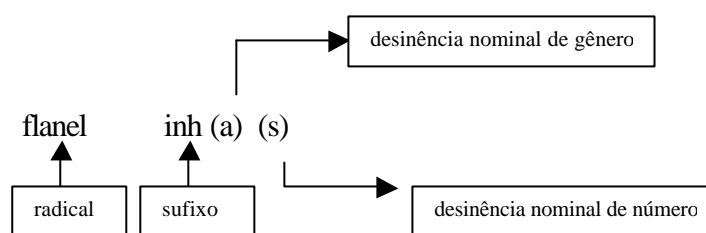
Esta seção trata da formação do sufixo diminutivo, por isso, tipos de morfema como os vários morfemas aditivos (infixos, circunfixos, descontínuos, reduplicativos) e outros não serão aqui detalhados para não aumentarmos a discussão sobre os aspectos morfológicos da nossa língua.

Basicamente, de acordo com a gramática descritiva, em uma palavra não-verbal, i.e. nome, adjetivos e advérbios podem-se encontrar os seguintes morfemas:

- a) **Radical ou Raiz:** elemento que contém o significado básico ou principal da palavra. Segundo Bechara (2004, p.:341) “chama-se *raiz*, em gramática descritiva, ao radical primário ou irredutível a que se chega dentro da língua portuguesa e comum a todas as palavras de uma mesma família”;
- b) **Afixos:** morfemas que se juntam a um radical para formar novas palavras. São elementos que se distinguem pela posição que tomam em relação à raiz (Rosa, 2000, p.:51). Entre eles temos, por exemplo:
  - Prefixos: aparecem antes do radical;
  - Sufixos: aparecem depois do radical.
- c) **Desinências nominais:** morfemas que se juntam ao final das palavras para marcar o *gênero* (masculino/feminino) e o *número* (singular/plural) das palavras que apresentam essas variações.

Exemplos:





Existem dois processos de formação de palavras em português:

- a) composição
- b) derivação

Aqui nos interessa o processo de formação de palavras por derivação. O processo de derivação consiste em formar novas palavras de outra primitiva por meio de afixos. Os afixos, como já vimos, dividem-se em *prefixos* e *sufixos*. O que nos remete, então, a derivação prefixal e derivação sufixal.

Pela *derivação sufixal* se formam substantivos, adjetivos verbos, e, até advérbios.

Assim podemos classificar o sufixo em:

- a) Nominal: quando se junta ao radical para formar um substantivo ou um adjetivo: *pont-eira*, *pont-inha*, *pont-udo*;
- b) Verbal: quando se junta ao radical para formar um verbo: *bord-ejar*, *suavizar*, *amanh-ecer*;
- c) Adverbial: que é o sufixo *-mente*, acrescentado à forma feminina de um adjetivo: *bondosa-mente*, *fraca-mente*, *perigosa-mente*. (Cunha, 1969:65).

Segundo Monteiro, (1986, p.36) o sufixo não altera, fundamentalmente, a significação do radical. Assim o radical *livr* + */aria/* ou *livr* + */inho/* guarda nos cognatos o mesmo sentido, apenas especializado pelos diversos sufixos que recebeu.

Vamos, então, para os sufixos nominais, que podem ser aumentativos e diminutivos e nos concentrar no sufixo diminutivo.

O sufixo, segundo Bechara (2004, p.338),

“não tem curso independente na língua (e por isso se chama *forma presa*) para formar uma palavra nova, emprestando-lhe uma idéia acessória e maçando-lhe a categoria (substantivo, adjetivo etc) a que pertence (...) O sufixo assume uma função morfológica, pois (...) relaciona a palavra a que se agrega aos nomes aumentativos ou diminutivos (...) *livrinho* (diminuição)”.

Como já foi anunciado, o sufixo diminutivo que nos interessa é o *-inho*. Juntamente com o sufixo *-inho* temos o sufixo *-zinho*. Segundo Câmara (1998, p.25) “Ao lado de *gatinho*, temos *cãozinho*, com o sufixo gramatical variante, ou “alomórfico”, *-zinho* em vez de *-inho*.” A seqüência *-inho* foi adotada neste estudo de forma a englobar tanto o sufixo *-inho* quanto o *-zinho*.

Dentro da perspectiva da variação e mudança lingüística a redução do sufixo “inho” é recorrente na fala de algumas pessoas. Monteiro (1997) afirma que:

“A variante */im/* é altamente produtiva no dialeto cearense e deve ser interpretada a nosso ver como uma simples alteração de */-inho/*. É provável que a escolha entre */-inho/* e */-im/* dependa de fatores ligados à escolaridade, à classe social e cidade de origem do falante. (...) E, para reforçar a nossa hipótese de que */-im/* é uma simples alteração de */-inho/*, o alomorfe */-zinho/* igualmente se realiza, talvez pelos mesmos fatores apontados acima, como */-zim/* (cf. *cafezim*, *testezim*, *botãozim* etc.)”

Gomes (2003) em um ensaio literário retira de Guimarães Rosa alguns exemplos que evidenciam a presença desse fenômeno de variação:

“Há, entre as palavras não-dicionarizadas, aquelas cujo matiz arcaico se faz pela ocorrência de metaplasmos, de alterações fonéticas, o que se verifica também em Guimarães Rosa. (...) De Guimarães Rosa, extraídos de Grande Sertão: veredas, ilustram o primeiro caso: “satanazim”, “patavim”, “asp’ro”, “arreararê”, “essezim”, “tirotêi”. As formas diminutivas “satanazim” e “essezim” exemplificam a apócope e, ao lado da alteração fonética do

sufixo, “inho”, remetem ao tom arcaizante que Guimarães Rosa deu à linguagem literária, inscrevendo-a como voz do povo”.

Esse estudo não pode ignorar a variação lingüística diante da seqüência “inho”, mas, não podemos parar por aqui. Além do exposto, a seqüência “inho” pode, ainda, não exercer a função de sufixo diminutivo, como em “vinho”, “vizinho”, “ninho”. De posse dos dados coletados poderemos separar os itens em que a seqüência “inho” exerce a função de diminutivo e os itens em que a seqüência “inho” não exerce a função de diminutivo e verificar o comportamento lingüístico em cada um destes casos.

## 2 - CASO ESPECIAL 2: Vogais altas distintas [i] tônico + [u] átono final (5.b.)

Como foi apontado na seção anterior, observamos que a vogal alta anterior adjacente a uma vogal alta posterior átona pode ser preservada como em [ˈfr̩i.ʊ] “frio”, ou podemos ter um ditongo decrescente com em [ˈfr̩i̯], ou a vogal alta posterior átona final pode ser cancelada [ˈfr̩i]. Dessa forma, a proeminência acentual ocorre na primeira vogal [i̯]. Observamos, também, que a seqüência de vogais altas [i] + [u] podem ter sua estrutura alterada com a redução do segmento vocálico final [̯].

Alguns exemplos:

T[iʊ] João

T[i̯] João

T[i] João

Resumindo, os casos considerados nesta pesquisa envolvem uma vogal alta anterior tônica seguida de uma vogal alta posterior átona que pode ser cancelada. O quadro que se segue analisa os três casos que avaliaremos em detalhes:

TABELA 3

Casos especiais considerados nesta pesquisa

a) Caso 1 (5.c.)	diminutivo	“baixinho”	[bãĩ'ʃĩɲu]	[bãĩ'ʃĩ]
b)	não diminutivo	“carinho”	[ka'rĩɲu]	[ka'rĩ]
c) Caso 2 (5.b.)	seqüência [iu]	“frio”	[ˈfrĩu]	[ˈfri]

A hipótese formulada nesta pesquisa é que em formas nominais, segmentos altos adjacentes podem sofrer alteração no português brasileiro. Pretendemos avaliar especificamente os casos em que o primeiro dos segmentos vocálicos altos da seqüência é uma vogal alta anterior acentuada e o segundo segmento da seqüência é uma vogal alta posterior átona final. A expectativa é que as generalizações referentes às alterações segmentais observadas nestes casos nos ofereça uma maior compreensão do fenômeno de cancelamento de marca de gênero masculino na morfologia nominal do português brasileiro. O enfoque teórico adotado nesta dissertação é aquele da Difusão Lexical e será abordado no próximo capítulo.

## CAPÍTULO III

### REFERENCIAL TEÓRICO

#### 1. INTRODUÇÃO

A concepção de linguagem é o que direciona a maneira como cada teoria compreende os fenômenos lingüísticos e, por sua vez, determina o método a ser utilizado. Isto é, para alguns a língua é considerada como um objeto autônomo; para outros a linguagem está intrinsecamente ligada à realidade social, histórica e cultural de seus falantes (Faraco, 1998).

Uma vez que a seqüência de vogal alta anterior adjacente a uma vogal alta posterior apresenta variabilidade será necessário incorporar parâmetros sociais e estruturais e verificar se eles contribuem com alguma ajuda na explicação dessa variabilidade.

Sabemos que toda língua falada no mundo está em constante processo de mudança. Para que uma mudança ocorra deve existir primeiro uma variação. A variação e a mudança lingüística são temas centrais da sociolingüística. Segundo Bright (apud Alkmin 2001, p.28) a proposta da sociolingüística é demonstrar a covariação sistemática das variações lingüística e social. Ou seja, relacionar as variações lingüísticas observáveis em uma comunidade às diferenciações existentes na estrutura social e desta mesma sociedade. Essa visão da variação e mudança lingüística se deve ao fato de que a sociolingüística conceitua a língua como um sistema intrinsecamente heterogêneo que correlaciona fatores estruturais e sociais.

A sociolinguística contemporânea introduziu uma complexa abordagem que permitiu um avanço qualitativo na compreensão e interpretação dos fenômenos de variação e mudança linguística. Sob o comando de Labov, essa abordagem tornou-se cada vez mais completa. Através de sua metodologia matematicamente quantificada, com os recursos da tecnologia informatizada, a objetividade da sociolinguística permite definir um fato linguístico em variação. Pode-se, então, definir tal variação como variação estável na comunidade, ou como mudança em início de implementação ou mudança em fase de conclusão, ou como um estereótipo linguístico que pode ser tornar um fato em mudança Mattos e Silva (2002, p. 300).

Esta pesquisa, então, fará uso de alguns dos princípios metodológicos da sociolinguística dentro do enfoque, que concebe a língua como um processo dinâmico e intimamente ligado aos falantes da sociedade. Desta forma no Capítulo IV intitulado Metodologia, serão apresentados os fatores linguísticos (como contexto fonético, número de sílabas e classe gramatical) e os fatores extralinguísticos ou sociais (como sexo, faixa etária e classe social) que podem contribuir para a alteração segmental em seqüência de vogal alta anterior seguida de vogal alta posterior.

Existem pelo menos duas possibilidades para analisarmos um fenômeno linguístico. Primeiramente, segundo a visão dos neogramáticos de que a variabilidade linguística está ligada a uma regra que tem algum controle social ou estrutural. São as *leis fonéticas* que não aceitam exceções que determinam o comportamento de um ou outro fenômeno linguístico. Contudo, existe uma outra possibilidade de análise, contrária as regras categóricas determinadas por leis fonéticas. Nesta abordagem alternativa observa-se que há uma tendência na língua de que itens lexicais específicos se comportam de maneiras diferentes. E, ainda, que indivíduos diferentes se comportam de maneira diferente. Estamos

falando da Difusão Lexical, que considera a palavra como fator importante de uma análise lingüística.

A seguir, veremos como cada modelo pode contribuir para compreendermos melhor a variabilidade da seqüência de vogal alta anterior [i] seguida de vogal alta posterior [u].

## 2 - O MODELO NEOGRAMÁTICO

Herdamos, a partir da segunda metade do século XIX, o legado neogramático. Para os neogramáticos “a mudança lingüística se dava num processo de regularidade absoluta, isto é, as mudanças afetavam a mesma unidade fônica em todas as suas ocorrências, no mesmo ambiente fonético, em todas as palavras, não admitindo exceções” (Faraco, 1998). Segundo os neogramáticos, as mudanças sonoras estavam subordinadas às *leis fonéticas* que não admitiam exceções. As exceções eram tratadas por processo de analogia, que era a alteração na forma fonética de alguns elementos por força de paradigmas gramaticais regulares da língua (célebre exemplo de *honos x honor*), ou eram tratadas como empréstimo. Assim, A passa a se manifestar foneticamente em B no ambiente fonético C-D. Assim, todas as palavras que contenham a seqüência sonora CAD tornar-se-ão CBD. Para os neogramáticos, então a mudança sonora é foneticamente gradual e lexicalmente abrupta e os casos de exceções são tratados por processos de analogia ou empréstimo.

Resumindo, então, o modelo neogramático é formado por uma base tripla: a) mudança sonora regular; b) analogia e c) empréstimo. Para os neogramáticos a unidade de mudança é o som. Quando isto acontece toda a classe é afetada, isto é, a mudança é regular. Assim do ponto de vista fonético a mudança é gradual e do ponto de vista lexical é abrupta.

As regras eram exclusivamente fonológicas e não permitiam exceções. As aparentes exceções eram passíveis de ser definidas por meio de condicionamento fonético (como a Lei de Verner) e, para solucioná-las, era necessário apenas a formulação de uma outra regra incluindo a descrição de tal condicionamento. A intenção dos neogramáticos não era negar as irregularidades observadas nas línguas mas tentar explicá-las: *“There must... exist a rule for the irregularities; the task is to find the rule”* (Verner, 1978, p.36 , apud McMahon, 1994, p.24).

As principais críticas ao modelo neogramático foram feitas por vários lingüistas devido ao caráter categórico das leis fonéticas, de sua aplicação cega e sem exceções. Os neogramáticos só aceitavam que a mudança fosse propagada por toda a comunidade e se aplicasse a todos os itens lexicais de modo totalmente uniforme. Dentro da concepção neogramática a língua e, conseqüentemente, as mudanças lingüísticas eram vistas de maneira uniforme e homogênea. Meillet (1951), no início do século XX com uma visão mais sociológica do falante, sugere que a condição principal da mudança lingüística é a realidade descontínua (heterogênea) das línguas: a história dos homens não é linear nem homogênea, logo as sociedades são heterogêneas e essa heterogeneidade do social é determinante da heterogeneidade lingüística e condicionante da mudança. Segundo Milroy (1992) *“Languages are not in reality completely stable or uniform, and there is absolutely no reason why they should be.”*

Como vimos, uma das grandes descobertas na história da lingüística foi a regularidade da mudança. Contudo, os neogramáticos não conseguiram explicar adequadamente o grande número de formas irregulares atestadas nas línguas naturais, isto é, as exceções. A seguir veremos em detalhes a proposta da difusão lexical para a mudança sonora.

### 3 – DIFUSÃO LEXICAL

O modelo neogramático norteou os estudos lingüísticos até meados do século XX, contudo, estudiosos chineses se opuseram a ele com uma nova proposta de trabalho: “teoria da difusão lexical” (Wang, 1969). Uma das críticas ao modelo neogramático diz respeito às leis fonéticas que não permitiam casos de exceções ou irregularidade:

“Linguistics have generally underestimated the extent of exceptions to the so-called “exceptionless” sound laws. This is due, in part, to the legitimate desire to systematize and reduce complex reality to a simple and elegant schematism.” (Cheng & Wang, 1975, p. 260)

Dentro desse esquema elegante de regularidade o qual Cheng & Wang se referiam, a culpa pelas exceções eram consequência dos processos de analogia e empréstimo:

“The neogrammarians often blamed the exceptions on such culprits as dialect mixtures and analogy. (...) linguistics have used dialect mixture as an excuse for not producing evidence of a substantive nature. (...) the inadequacy of analogy as an explanation becomes obvious in view of the abundance of irregular forms in languages which have virtually no paradigms.” (Cheng & Wang, 1975, p.256)

Diante dessa insatisfação Cheng & Wang (1975, p. 256) propõem dois conceitos fundamentais para solucionar tal problema: a dimensão temporal e a dimensão lexical de um processo fonológico. A dimensão temporal a qual os autores se referem diz respeito à evolução interna e gradual de um único processo fonológico. A dimensão lexical aponta para o fato de que uma lei fonética estende seu escopo de atuação gradualmente a uma porção cada vez maior do léxico até que todos os itens relevantes tenham sido transformados pelo processo. Essa inovação pode, no final, se tornar regular, i.e., pode atingir todos os itens lexicais relevantes, dado o tempo para completar o seu curso. Entretanto, muito mais freqüentemente do que os lingüistas imaginavam, uma lei fonética se esgota em direção ao

final do seu limite de duração ou é frustrada por outra lei fonética que compete pelos mesmos lexemas e inúmeras exceções são atestadas.

A diferença principal, então, entre as duas teorias está no objeto acarretador de mudança: o **som** ou a **palavra**. Para os difusionistas, a mudança ocorre nas **palavras** e sua grande preocupação está em explicar **como** uma mudança se implementa (*implementation*) e **por que** (*actuation*) (Cheng e Wang, 1975). Conforme tradução de Oliveira (1995) do texto de Chen & Wang (1975): a mola mestra de uma mudança sonora deve ser buscada nos dispositivos fisiológicos e perceptuais dos falantes, enquanto que sua implementação se dá por difusão lexical. O que Oliveira chama de “mola mestra” é uma tentativa de tradução do que Chen & Wang chamam de “*actuation*”, que seria realmente observar ou encontrar a origem de uma determinada mudança, i.e., quais são os itens que seriam atingidos primeiro, quais seriam as primeiras vítimas.

A proposta difusionista altera o tratamento das mudanças sonoras deixando de ser o som a unidade de mudança e passando a ser a palavra, unidade de mudança, dando início a uma nova era de estudos e a novas controvérsias entre os defensores das duas propostas. Vejamos como Tarallo (1990, p.69) descreve essa controvérsia:

“A controvérsia entre os neogramáticos e os defensores da difusão lexical gira em torno de dois pares de termos: som e palavra, de um lado, e gradual e abrupto, de outro. Assim, para os neogramáticos a mudança fonológica é foneticamente gradual, mas lexicalmente abrupta; para os “difusionistas”, a mudança fonológica é, ao contrário, foneticamente abrupta, mas lexicalmente gradual.”

Labov (1981) tenta resolver essa controvérsia ao afirmar que as leis de mudança sonora não são tão poderosas quanto preconizadas pelos neogramáticos, e que há inúmeros casos em que elas ocorrem lenta e gradualmente, obedecendo a história de cada palavra, de acordo com os preceitos da teoria da difusão lexical. “*We have located Neogrammariam*

*regularity in low-level output rules, and lexical diffusion in the redistribution of an abstract word class into other abstract classes” (Labov, 1981, p.304).*

Labov (1981, p.296) apresenta uma tabela de características dos dois modelos:

TABELA 4

Features characterizing the neogrammarian and lexical-diffusion models		
	NG	LD
discrete	no	yes
phonetic conditioning	fine	rough
lexical exceptions	no	yes
grammatical conditioning	no	yes
social affect	yes	no
predictable	yes	no
learnable	yes	no
categorized	no	yes
dictionary entries	1	2
lexical diffusion: past	no	yes
lexical diffusion: present	no	yes

Fonte: Labov, 1981, p. 296

Como vimos, Labov (1981) tenta acomodar os dois modelos atribuindo a cada um deles um certo tipo de mudança sonora. Contudo, Oliveira (1991, p.103) critica essa posição e é ainda mais radical: “my position is more radical than Chen and Wang’s, and I will say that *all* sound changes are lexically implemented, that is, there are *no* neogrammarian sound changes (although we can have neogrammarian long-term end results).”

Labov (1994, p.471) reafirma que há casos que evidenciam uma regularidade na mudança sonora o que é compatível com o modelo neogramático e há casos de irregularidade que são acomodados pela difusão lexical.

“We cannot resolve a paradox by saying that both parties are right. Though we have evidence on both sides, the situation is no less chaotic than it was at the outset. If language changes in two different ways, the data must contain some hint that will tell us when it changes in one way, and when in the other.”

Nas últimas décadas, entretanto, encontramos vários estudos que demonstram que a mudança **não** foi tratada como sendo foneticamente condicionada. Entre eles, por exemplo, estão os estudos Chen & Wang, (1975, p.261) sobre pares homógrafos no inglês. A variação ocorre em substantivos e verbos em que o acento varia entre a primeira e a segunda sílaba dependendo da função lexical que o termo desempenha. Exemplos: “abstract”, “áccent”, “áddict”, “áffix”. A difusão gradual desses pares foi alcançando mais e mais palavras ao longo do tempo. O crescimento foi de 24 em 1660, para 35 em 1700, para 70 em 1800 e parou em 150 em 1934. Existem ainda 1.315 pares homógrafos e, portanto, fortes candidatos a essa regra.

O estudo de Jason (1973) descreve a perda do –d final em muitas palavras no Sueco. Este segmento final havia desaparecido e voltou em Estocolmo por ter sido mantido na ortografia e devido ao aumento da alfabetização. Este estudo mostra que estamos diante de um caso de difusão lexical invertido estimulado pela mudança social. A evidência nesse caso é uma divisão fonêmica entre –d e zero em que não existe fator condicionante geral.

Outros tantos estudos como os de Fidelholtz (1975); Phillips (1984); Oliveira (1992) procuraram responder de certa forma quais seriam as palavras mais expostas ou menos expostas à mudança sonora (Oliveira, 1995). Algumas propostas atribuem a mudança aos itens mais comuns ou mais freqüentes ou até mesmo mais familiares ou em estilos informais.

Conforme Oliveira (1995) umas das propostas apresentadas para apontar as quais seriam as primeiras palavras a sofrerem uma mudança seria a noção de freqüência. Segundo ele, Leslau (1969) sugere uma noção de freqüência não absoluta (“*..how certain phonetic changes that normally occur in the languages affect the frequency used word more than the*

*less frequently used words.*”). Fidelholtz (1975) propõe uma noção de frequência ligada a familiaridade; Phillips (1984) correlaciona a noção de frequência a mudanças fisiologicamente motivadas e a mudanças não motivadas fisiologicamente: no primeiro caso, as palavras mais frequentes são atingidas primeiro; no segundo caso, são as palavras menos frequentes que são atingidas primeiro. O que se pode dizer, então, no modelo da Difusão Lexical, é que frequência tem sido uma categoria explicativa bastante utilizada na tentativa de se determinar as primeiras vítimas de uma mudança. Embora esse estudo busque explorar a natureza de Difusão Lexical em seqüências de vogal alta anterior seguida de vogal alta posterior, fatores de frequência não são considerados.

Diante da possibilidade de alteração da estrutura segmental de vogal alta anterior tônica [i] seguida de vogal alta posterior átona [u], que ora a vogal alta anterior torna-se um glide e que ora a vogal alta posterior [u] é cancelada, buscaremos discutir a implementação desse fato lingüístico. De acordo com os difusionistas o léxico seria o desencadeador das mudanças lingüísticas, isto é, a variação iniciaria em uma determinada palavra e seria aos poucos disseminada para todo o léxico. Esse estudo, portanto, irá utilizar alguns dos pressupostos metodológicos da teoria variacionista na expectativa de conciliar fatores estritamente lingüísticos com fatores sociais. Contudo, será mantido em mente uma abordagem difusionista a fim de descrever o fenômeno lingüístico dessa dissertação. Ênfase será dada ao papel do indivíduo na implementação da variação e mudança sonora. A teoria da Difusão Lexical acomoda o comportamento do indivíduo na compreensão da variabilidade inerente a fala. Este tópico será explorado nesta dissertação.

Adicionalmente, consideraremos também o fato do grupo de palavras que apresentam o diminutivo ser o grupo que contribui para a implementação da variabilidade investigada: cancelamento de vogal alta posterior átona final precedida de vogal alta anterior tônica. A teoria da Difusão Lexical acomoda este fato ao considerar que grupos que

compartilham de uma mesma propriedade lingüística comportam-se de maneira análoga. Neste caso específico seria a classe dos diminutivos. Segundo Oliveira, 1995, p.88, o léxico deve ser visto como um conjunto de traços que são construídos caso a caso, nas situações específicas da fala, e não como algo previamente determinado, que não pode ser alterado. Mollica, 1998, p.40 observa, por exemplo, que a variação observada nas formas de gerúndio em português, ou seja -ndo > -no, como em “cant[ãdʊ] ~ cant[ãnʊ]” apresenta grande incidência nas formas de gerúndio e tem caráter incipiente em formas que não são gerúndio: “qu[ãdʊ] ~ qu[ãnʊ]” ou “Fern[ãdʊ] ~ Fern[ãnʊ]”. Ou seja, o grupo ou classe formas de gerúndio é afetado pela mudança -ndo > -no em maior grau do que formas que pertençam a outras classes ou grupos. A teoria da Difusão Lexical nos permite explorar o comportamento do indivíduo e o comportamento análogo de classes específicas de palavras e, por isso, foi adotada nesta dissertação.

# CAPÍTULO IV

## METODOLOGIA

### 1. INTRODUÇÃO

Vimos até agora que segmentos altos adjacentes sofrem alteração no português brasileiro. Trataremos em detalhes dos casos em que o primeiro segmento da seqüência é uma vogal alta anterior tônica e o segundo segmento da seqüência é uma vogal alta posterior átona. Uma das possibilidades de compreendermos essa alteração, é verificar relações potenciais de parâmetros sociais e estruturais com a descrição do fenômeno. Segundo Taralo (1994, p.46) tudo aquilo que serve de pretexto e co-texto ao fenômeno lingüístico poderá ser relevante para sua descrição e compreensão.

Taralo (1994:62) afirma, ainda, que

“é somente através da correlação entre fatores lingüísticos e não-lingüísticos que você chegará a um melhor conhecimento de como a língua é usada e de que é constituída. Cada comunidade de fala é única; cada falante é um caso individual.”

Nesta pesquisa os parâmetros sociais ou fatores extralingüísticos que foram considerados são: o sexo, a idade e classe social. Estes parâmetros serão descritos, detalhadamente, na seção 4 deste capítulo. Por parâmetros estruturais ou fatores lingüísticos foram considerados: o ambiente fonético seguinte à seqüência de vogais altas adjacentes, o número de sílabas e a classe gramatical. Estes parâmetros encontram-se descritos na seção 6 deste capítulo.

A metodologia deste estudo foi estruturada de modo a observar o comportamento da seqüência de vogal alta anterior adjacente a uma vogal alta posterior, conforme descrito na TAB. 2 do Capítulo II desta dissertação. Para tanto, serão descritos como os dados foram coletados, como os informantes foram selecionados e dentro de qual comunidade de fala, número e tipo de dados foram selecionados e com base em quais critérios, enfim o detalhamento metodológico que permitiu observar e descrever o fenômeno lingüístico desta dissertação. A seguir apresento e justifico detalhadamente cada um dos passos da metodologia desse estudo.

## **2. COLETA DE DADOS**

O ponto de partida de uma pesquisa sociolingüística é a busca da língua falada ou o vernáculo. Labov (1972, p.9) define assim o vernáculo que o pesquisador deve buscar: “the vernacular may be defined as that form of speech which requires the least amount of monitoring by the speaker, (...) and uses for the most intimate and casual kind of communication”. Para Tarallo (1994, p.19) o vernáculo é a enunciação e expressão de fatos e idéias sem a preocupação de como enunciá-los. Para o autor o vernáculo é, ainda, “a língua falada entre amigos, inimigos, amantes e apaixonados”.

Como coletar esse vernáculo é que faz com que o trabalho do pesquisador seja mais criativo e estimulante. O ideal seria passar o maior tempo possível em campo coletando dados e aprendendo a minimizar cada vez mais o efeito negativo da presença do pesquisador e seu gravador.

Os dados foram coletados a partir de entrevistas, utilizando dois gravadores: um gravador K7 Panasonic RQ-L11 e um gravador digital Texpia VR16. A qualidade de

gravação é bastante boa oferecendo acuracidade para a avaliação dos dados. A maioria das entrevistas foi feita na residência, ou no local de trabalho ou estudo do informante. Estavam presentes sempre duas pessoas: o pesquisador e o informante. A duração das entrevistas variou entre 30 e 60 minutos. Essa variação se deve ao fato de alguns dos informantes serem tímidos e outros mais desinibidos, ou ainda, de alguns deles serem conhecidos e outros completos estranhos ao entrevistador.

Durante a entrevista foram obtidos dados sobre a condição socioeconômica de cada informante, local de moradia, renda mensal da família, tipos de lazer, viagens e atividades culturais. Estes dados permitiram inferir a classe social dos informantes. Além dessas informações demográficas sobre cada informante, a entrevista buscou, ainda, obter dados de fala espontânea. Logicamente, algumas partes dessas entrevistas contêm dados de fala formal e informal. A fala formal foi aquela mais pausada, no início da entrevista em que o falante estava mais atento ao discurso ou quando falava de situações referentes à sua vida pessoal ou profissional. Já a fala informal foi obtida quando o falante estava mais relaxado, já não olhava mais para o gravador, estava sentado de forma mais solta, usava gírias ou palavrões, quando contava um caso referente à outra pessoa ou quando era interrompido pelo telefone ou por outra pessoa. Essa divisão de fala formal ou informal dentro das entrevistas é uma divisão intuitiva do pesquisador. Apesar de não negar que essa subdivisão exista, nesta pesquisa, essa subdivisão foi desconsiderada, já que a fala com maior formalidade é aquela obtida a partir de leitura de texto, leitura de lista de palavras, etc.

Os informantes foram selecionados e codificados para efeito de análise estatística. Para esse estudo foram selecionados dois informantes de cada sexo divididos em duas classes sociais. Esses critérios de seleção dos informantes serão apresentados em detalhe na seção 4 deste capítulo. Observe na tabela a seguir como cada informante foi codificado:

TABELA 5

## CODIFICAÇÃO DOS INFORMANTES

Sexo	Masculino	<b>M</b>
	Feminino	<b>F</b>
Idade	18 – 34 anos	<b>J</b>
	35 – 62 anos	<b>M</b>
Classe social	Baixa	<b>P</b>
	Média	<b>R</b>

Desta forma, diante desses parâmetros essa pesquisa contou com dados de 16 informantes, conforme mostra a tabela a seguir.

TABELA 6

## INFORMANTES NASCIDOS E RESIDENTES EM BELO HORIZONTE

SEXO MASCULINO					SEXO FEMININO				
Idade	Classe Baixa (-) prestígio		Classe Média (+) prestígio		Idade	Classe Baixa (-) prestígio		Classe Média (+) prestígio	
18 - 34	MJP1	MJP2	MJR5	MJR6	18 - 34	FJP9	FJP10	FJR13	FJR14
35 - 62	MMP3	MMP4	MMR7	MMR8	35 - 62	FMP11	FMP12	FJR15	FJR16

A seguir, faremos um breve histórico sobre a comunidade de fala desta pesquisa que é a cidade de Belo Horizonte.

### 3. A COMUNIDADE DE FALA

Podemos dizer que o objeto de estudo da sociolinguística é o estudo da língua falada, observada e analisada em situações reais de uso. Encontramos essas situações reais de uso dentro da comunidade linguística, que nada mais é do que um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e compartilham um conjunto de normas sobre os usos linguísticos. Para Milroy (1992, p.6) normas sobre os usos linguísticos ou sociais são aquelas acordadas socialmente; elas dependem do consenso entre os falantes da comunidade de fala e se diferenciarão de uma comunidade para outra. O autor compara essas normas com as normas gramaticais impostas pelas normas cultas de cada língua; no inglês, por exemplo, ele compara a pronúncia RP com as outras variedades linguísticas. No português podemos pensar de um lado, nas normas da NGB e de outro nas normas da comunidade de fala de Belo Horizonte, do sul de Minas, etc. Para Milroy, então, *observar* a língua tem que ser dentro desse *consenso* social de cada comunidade de fala. Labov (1974, p.63) conceitua que uma comunidade linguística é formada por um grupo de pessoas que compartilham um conjunto de normas comuns com respeito à linguagem, e não simplesmente um grupo de pessoas que falam do mesmo modo.

Dessa forma, a comunidade linguística deste estudo é a cidade de Belo Horizonte, capital de Minas Gerais. Neste capítulo apresento alguns dados históricos, sócio-econômicos e demográficos utilizando dados atualizados do IBGE e da Prefeitura de Belo Horizonte.

#### 1 – Dados históricos

Belo Horizonte é uma das mais importantes cidades do país, a terceira metrópole brasileira, e, ironicamente, uma das mais novas capitais - completou 100 anos de existência em 12 de dezembro de 1997.

O vilarejo que viria a ser Belo Horizonte começou a partir da Fazenda do Cercado, propriedade do bandeirante, João Leite da Silva Ortiz, em 1701. Esse vilarejo, 49 anos depois, já seria um distrito, adotando o nome de Nossa Senhora da Boa Viagem do Curral Del Rei. A Proclamação da República, em 1889, trouxe aos habitantes do Curral Del Rei a esperança de transformações. De maneira a entrar na era que se anunciava, deixando para trás o passado monárquico eles propuseram a mudança de seu nome para Belo Horizonte. Foi nesse clima de euforia que os belo-horizontinos receberam a notícia da nova construção da nova capital.

A discussão sobre a mudança da capital mineira uma idéia muito antiga. A primeira tentativa de transferir a sede do Governo para outra cidade diferente de Ouro Preto data de 1879, quando os inconfidentes planejaram instalar a capital de sua república em São João Del Rei. Depois disso, outras quatro tentativas foram feitas, sem sucesso. A questão só veio a ser considerada após a Proclamação da República. Só que dessa vez, não se trata de uma simples transferência, mas a construção de uma nova cidade.

Uma série de fatores favorecia a idéia de mudança. Em primeiro lugar, para se destacar o novo cenário republicano, Minas Gerais precisava mostrar-se politicamente unida e forte. A construção de uma nova capital, localizada no centro geográfico do Estado, poderia facilitar o equilíbrio das diversas facções políticas que então disputavam o poder.

O objetivo dos engenheiros e técnicos que idealizaram Belo Horizonte era o de uma cidade ordenada, funcionando como um organismo saudável. Para alcançá-lo, era necessário projetar uma cidade física e socialmente higiênica, uma cidade saneada, livre de doenças, mas também livre de desordens e revoluções.

O projeto criado pela Comissão Construtora, finalizado em maio de 1895, inspirava-se no modelo das mais modernas cidades do mundo, como Paris e Washington. Os planos revelavam algumas preocupações básicas, como as condições de higiene e circulação

humana. Dividiram a cidade em três principais zonas: a área central urbana, a área suburbana e a área rural.

Belo Horizonte foi inaugurada a 12 de dezembro de 1897, por uma exigência da Constituição do Estado. Todavia, parte de suas construções não havia sido concluída e algumas de suas ruas e avenidas eram apenas trilhas abertas no meio do mato. A crise econômica que tomava conta do país e do Estado tinha feito com que muitas obras ficassem paralisadas, sem recursos. O comércio e a indústria ligada à construção civil, que tinham se desenvolvido nos anos anteriores, agora enfrentavam dificuldades. A cidade não se industrializou como esperado.

Belo Horizonte viveu, nas duas primeiras décadas do século passado, alternadamente, períodos de grande crise e surtos de desenvolvimento. As fases de maior crescimento corresponderam aos anos de 1905, 1912-13 e 1917-19. Vagarosamente, pequenas fábricas começaram a funcionar na cidade, o fornecimento de energia elétrica tornou-se mais amplo, as obras inacabadas foram retomadas, praças e jardins foram criadas e a cidade ganhou arborização. O número de empregos cresceu e a Capital passou a atrair mais habitantes.

Os anos 40, caracterizados pelo grande êxodo rural, a população da cidade dobra de tamanho, passando de 350 mil para 700 mil habitantes. Na década de 70, a cidade era o próprio retrato do caos. Com um milhão de habitantes, Belo Horizonte continuava crescendo desordenadamente. Os anos 80 marcaram o início de uma mudança nas relações do belo-horizontino com sua cidade. O crescimento desordenado, a degradação ambiental e as desigualdades sociais, foram pouco a pouco, tornando-se algumas das maiores preocupações dos cidadãos. Em 1991, a cidade contava com quase dois milhões de habitantes espalhados em um território de 331 km<sup>2</sup>.

A cidade planejada para ser a capital de Minas Gerais, que segundo os planos do engenheiro Aarão Reis deveria ter 200.000 mil habitantes no final século XX, é hoje uma

metrópole dinâmica com 2,3 milhões de habitantes. Considerando-se os municípios que formam a Região Metropolitana, essa população sobe para 4 milhões de habitantes, segundo o censo de 2000.

## **2 – Dados Sócio-econômicos**

Localizada na região Sudeste do Brasil, com amplas avenidas, praças e áreas arborizadas, Belo Horizonte, a capital mineira, orgulha-se de ser uma das melhores cidades do país para se viver. Carinhosamente chamada de Belô ou Beagá, a cidade oferece interessantes áreas de visitação, casas de espetáculos com intensa produção artístico-cultural, boa e diversificada gastronomia, rico artesanato disponível em suas feiras e lojas especializadas, e mantém uma gostosa característica – a hospitalidade mineira.

Além de ser referência para centenas de municípios mineiros, Belo Horizonte está interligada a importantes centros como São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Brasília, Vitória e Goiânia, possui uma localização privilegiada e é servida por uma extensa malha rodoviária e transporte aéreo. A região central de Minas Gerais, em que se situa Belo Horizonte, é um grande pólo industrial. As principais atividades dessa região são: metalurgia, automóveis, bebidas, calçados, têxtil, turismo, mineração, produtos alimentares, autopeças, bens de capital, vestuário, siderurgia, refino de petróleo, siderurgia, refino de petróleo. Com destaque para a metalurgia que é responsável pela produção de 40% do aço brasileiro e a indústria têxtil que é o segundo pólo do Brasil. O turismo é também um dos segmentos que têm crescido em Minas, e, em Belo Horizonte, sobretudo o turismo de eventos e negócios.

### 3 - Dados demográficos

De acordo com o último Censo, em 2000, a cidade de Belo Horizonte contava com uma população de 2.238.526 habitantes. Em 01 de julho de 2004, segundo relatório atualizado do IBGE, a população de Belo Horizonte já atinge os 2.350.564 habitantes.

Veja na tabela a seguir o crescimento populacional da cidade de Belo Horizonte do ano de 1950 até o ano 2000.

TABELA 7

Crescimento da população de Belo Horizonte no período de 1950-2000

<b>Ano</b>	<b>População</b>
1950	352.724
1960	693.328
1970	1.235.030
1980	1.780.855
1991	2.020.161
2000	2.238.526

Fonte: IBGE. Censo demográfico, 2000. Org. PBH.2003.

A capital de Minas está dividida, segundo a Prefeitura de Belo Horizonte, em nove UP's (Unidades de Planejamento). UP Barreiro, UP Centro-Sul, UP Leste, UP Nordeste, UP Noroeste, UP Norte, UP Oeste, UP Pampulha e UP Venda Nova.

A população, atualmente residente em Belo Horizonte, segundo a idade e o sexo é apresentada na TAB.8 a seguir:

TABELA 8

População residente segundo idade e sexo, por Unidade de Planejamento – 2000

UP	0-14		15-29		30-44		45-59		acima de 60	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Barreiro	36.495	35.769	39.548	40.257	28.888	31.432	15.715	17.488	7.077	9.524
CentroSul	23.547	23.314	34.606	39.893	24.577	31.775	20.444	26.311	13.549	22.508
Leste	30.631	30.150	33.801	36.641	28.014	32.301	15.296	20.216	10.333	17.183
Nordeste	34.679	33.907	38.716	41.039	30.322	34.391	17.217	20.456	9.103	14.230
Noroeste	38.661	38.160	46.291	49.011	37.874	42.898	21.581	27.465	13.969	22.190
Norte	26.875	26.543	29.005	29.812	21.479	23.186	10.847	12.953	5.380	7.724
Oeste	32.606	31.899	37.046	39.726	30.438	34.585	16.548	20.785	9.638	14.853
Pampulha	17.194	16.833	19.441	21.226	16.938	18.793	9.286	10.650	4.940	6.552
VendaNova	33.691	32.564	37.189	38.585	26.493	29.355	14.680	16.921	6.625	9.195
Total	274.379	269.139	315.643	336.190	245.023	278.716	141.614	173.245	80.614	123.959

Fonte: IBGE. Censo Demográfico, 2000.

Podemos, então, observar que a concentração da população se localiza na faixa etária de 15 a 29 anos, o que já era esperado de uma cidade tão jovem quanto Belo Horizonte.

Belo Horizonte é a comunidade de fala em que o fenômeno fonológico de variação dessa dissertação será estudado e a amostragem será aleatória, pois segundo Tarallo (1994) esse critério deverá ser usado no caso de a comunidade estudada ser um grande centro urbano. A heterogeneidade de sotaques presente em Belo Horizonte se dá devido a grande migração observada numa cidade deste porte (grande centro urbano) e tão nova! Mais uma vez, o fator indivíduo é importante em uma análise envolvendo uma comunidade linguística tão heterogênea como os grandes centros.

## 4. SELEÇÃO DOS INFORMANTES

Nesse estudo os informantes foram selecionados de acordo com os fatores externos extralingüísticos propostos pela sociolingüística. Segundo Cagliari (1997, p.36)

“os diferentes usos - na fala - não é (*sic*) um aspecto estritamente fonológico, mas pragmático ou sociolingüístico. Assim, o que se chama normalmente de variantes livres (por não apresentarem condicionamentos contextuais fonológicos) são, na verdade, variantes condicionadas por fatores extra-fonológicos, como o uso da fala em determinadas circunstâncias, a velocidade de pronúncia, o estilo mais ou menos formal, a classe social, o sexo, a idade, etc.”

De acordo com Chambers (1995, p.7) “In modern industrial societies, these three social characteristics – class, sex and age – are the primary determinants of social role”. Assim, diante dessa afirmação, os informantes foram selecionados segundo os seguintes critérios que serão combinados entre si:

- a) sexo;
- b) faixa etária;
- c) classe social;

Cada um destes fatores será comentado separadamente a seguir.

### 4.1. – Sexo

É extensa a literatura que trata da variante sexo (masculino e feminino). Dentro da pesquisa sociolingüística a fala da mulher tem se mostrada mais cuidadosa como afirma Chambers (1995, p.102):

“In virtually all sociolinguistic studies that include a sample of males and females, there is evidence for this conclusion about their linguistic behaviour: women use fewer stigmatized and non-standard variants than do men of the same group in the same circumstances”.

E Labov (1972, p.243) “In careful speech , women use fewer stigmatized forms than men, and are more sensitive to the prestige pattern.” Mollica, 1998, p.63 mostra em sua pesquisa sobre o processo de monotongação de /ey/ e /ow/ entre a população escolar, que o sexo influencia de forma relevante na monotongação, uma vez que as meninas apresentam maior facilidade no aprendizado de formas lingüísticas prestigiadas socialmente. Segundo a autora “muitas descrições variacionistas sobre fenômenos de fala têm concluído que o sexo masculino é, digamos, “mais displicente” quanto ao uso da norma prescrita tradicionalmente”.

Dentro, ainda, da variante de sexo, por exemplo, Cristófar-Silva (1999, p.13) intuitivamente adianta que o uso do diminutivo parece ser recorrente na fala feminina: “Olha que gracinha aquele vestidinho amarelinho!” Para ela parece pouco provável um homem dizendo o mesmo enunciado, isto é, observa-se com menos freqüência na fala masculina o uso do diminutivo. Alkmim, 2001, p.36 também parece ter essa mesma impressão quanto diz que “alguns recursos lingüísticos costumam ocorrer mais na fala de mulheres, assim como o uso freqüente de diminutivos, como “bonitinho”, “gostosinho”, “vermelhinho”.” Essa pesquisa poderá contribuir para uma melhor ou maior compreensão do uso social do diminutivo. Contudo, independente da freqüência de formas de diminutivo utilizada por ambos os sexos, o que se observa é que na fala há uma redução da seqüência segmental “-inho” para “-im”: “Olha que gracinha aquele vestidim amarelim”. Esse processo relacionado ao dialeto mineiro, já é um processo adiantado com correlato na escrita. Portanto, por haver correlato na escrita deve refletir um processo pelo menos que se encontra em estágio relativamente avançado.

## 4.2 – Faixa etária

A faixa etária em uma pesquisa sociolinguística tem o objetivo de avaliar com base em dados de tempo aparente se a variação linguística está configurando uma **mudança em progresso** ou uma **variação estável**. Os estudos linguísticos ideais seriam os de tempo real em que um grupo de pessoas seria entrevistado em uma determinada época e, em um intervalo de dez ou vinte anos esse mesmo grupo seria re-entrevistado. Obviamente, esse tipo de pesquisa envolve vários tipos de dificuldades. Contudo, Labov introduziu os estudos de tempo aparente em que é feito um recorte transversal da amostra sincrônica em função da faixa etária dos informantes. Teoricamente um grupo de pessoas de diversas faixas etárias é entrevistado em um ponto específico no tempo, os dias de hoje, por exemplo. Esse tipo de estudo analisa a fala de uma pessoa de 40 anos que, conseqüentemente, reflete a fala de vinte anos atrás e compara com um falante de 20 anos hoje. Com dados de tempo aparente podemos observar se uma variação é estável ou em progresso. Se a variação é estável haverá um equilíbrio entre jovens e medianos em relação ao cancelamento da vogal alta posterior átona final [u]. Se a variação configura uma mudança em progresso, então, os jovens estarão cancelando mais a vogal alta posterior átona final [u] do que os medianos. Segundo McMahon (1994, p.240) esse tipo de estudo parte do pressuposto de que “adult speakers maintain their language from age twenty or so throughout their lives.” Chambers (1995, p.184) também observa que os adultos modificam muito pouco sua fala:

“For the stages of life beyond young adulthood, our best evidence indicates that once the features of the sociolect are established in the speech of young adults, under normal circumstances those features remain relatively stable for the rest of their lives”.

Com isso em mente, ou seja, um tipo de recorte que considere o tempo aparente, a seleção da faixa foi a seguinte:

- grupo 1: pessoas de 18 a 34 anos
- grupo 2: pessoas de 35 a 62 anos

Todos informantes selecionados são nascidos e residentes em Belo Horizonte ou se mudaram para a capital com até 5 anos de idade.

### **4.3. – Classe social**

O fator classe social é, sem dúvida, o mais difícil de conceituar. Belo Horizonte, como vimos no capítulo IV, cresceu em passo acelerado, assim como as grandes metrópoles, e passou, rapidamente, do contexto de uma sociedade rural para uma sociedade industrial sofrendo, fortemente, as conseqüências desse crescimento desenfreado e despreparado. Muitas pessoas se aglomeraram em pequenos centros urbanos, enfrentando problemas de infra-estrutura, saúde, educação e, principalmente, trabalho. O empobrecimento da população e o aumento do desemprego são patentes, assim como a queda brusca do poder aquisitivo da população em geral. A estratificação social tem aumentado dificultando, ainda mais, a categorização das classes sociais. Contudo, alguns autores nos auxiliam nesta conceitualização e divisão entre classes sociais diferentes.

Para Santos (1983, p.41) a definição de classes sociais é a seguinte:

“Por classes sociais se entenderão os agregados básicos de indivíduos numa sociedade, os quais se opõem entre si pelo papel que desempenham nos processos produtivos, do ponto de vista das relações que estabelecem entre si na organização do trabalho e quanto a propriedade”.

Entretanto, é Tumin<sup>3</sup> (apud Nicolau, 1984, p.12) que tem uma definição mais ampla de classes sociais que abrange qualquer grupo ou sociedade segundo a distribuição de poder, propriedade, valorização social e satisfação psicológica:

“Normalmente, a distribuição dessas coisas boas e valorizadas realiza-se através da atribuição de cotas as várias posições ou status que os adultos usualmente ocupam. Nas sociedades industriais modernas, o mais importante desses status é uma profissão.(...) Como status diferentes gozam de diferentes cotas de poder, propriedade e prestígio, é possível ordenar tais status de forma que aqueles que correspondam a quantidades equivalentes possam ser agrupados num estrato e, portanto, separados de outros estratos. Vista dessa forma, uma sociedade consiste de vários estratos, dispostos em ordem hierárquica, e esta é baseada em quantidade de poder, propriedade, valorização e satisfação psicológica que geralmente os estratos recebem.”

Assim sendo, essa pesquisa procurou categorizar os informantes considerando os diferentes estilos de vida que podem dar maior ou menor prestígio a um grupo social. Por estilo de vida foram considerados:

- condições e a localização da moradia;
- profissão, e;
- escolaridade.

A partir deste levantamento foram, então, consideradas duas classes sociais:

- classe baixa, considerada de menor prestígio
- classe média, conta com maior prestígio.

Os informantes da classe baixa, menos privilegiada, são os informantes que moram em bairros mais simples, suas casas são pequenas, oferecem pouco conforto e são de menor valor comercial, o grau de escolaridade é baixo e suas profissões são, na maioria das vezes, pedreiros, panfletistas, zeladores, lavadores de carro, diaristas, etc. Portanto, gozam de pouca valorização e pouco prestígio na sociedade. Para encontrar esses informantes, a Escola

---

<sup>3</sup> TUMIN, Melvim M. *Estratificação social*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1970, p.28.

Municipal Caio Líbano Soares, localizada no bairro Santo Antônio, foi escolhida por ser uma escola alfabetizadora de jovens e adultos de baixa renda e, lá encontram-se informantes que exercem atividades como zeladores, pintores, cobradores, etc.

Os informantes da classe média, mais privilegiada, são informantes que moram em bairros de prestígio, em apartamentos e casas bem decoradas, confortáveis e bem valorizadas no mercado imobiliário, o grau de escolaridade é alto, ou seja, estão cursando um curso superior ou já são formados e bem sucedidos, e, suas profissões são gerentes, engenheiros, professores, empresários, etc. Assim, mais uma vez, gozam de muita valorização e muito prestígio na sociedade. Esses informantes foram selecionados dentre os alunos de diversos cursos superiores do Unicentro Newton Paiva, professores do ensino médio ou superior, empresários e profissionais liberais de diversas áreas de atuação.

## 5 – AS ENTREVISTAS

Como vimos o ponto de partida de uma pesquisa sociolinguística é a busca da língua falada ou o vernáculo. Nesse ponto, Labov (1972) introduz o paradoxo do observador em que o pesquisador deverá observar como **as pessoas falam quando elas não estão sendo observadas**. Labov (1972) oferece alguns princípios que neutralizam o efeito da observação durante a entrevista como, por exemplo, “pedir ajuda”, introdução de tópicos como “morte e perigos de morte”, “indignação moral” e “assuntos de interesse do falante”, buscando assim uma narrativa de experiência pessoal e, conseqüentemente, uma fala mais espontânea. Esse estilo de fala é conseguido através da entrevista sociolinguística, em que o entrevistado fornece dados pessoais, socioeconômicos, preferências e discussão sobre os temas anteriormente sugeridos.

Dentro do estilo de fala da entrevista podemos observar que existem dois momentos de espontaneidade: um mais formal que se dá no início da entrevista com perguntas e respostas, narrativa sobre a vida pessoal e profissional, etc; e um momento mais informal em que o informante narra um caso da sua infância ou relata o acidente do vizinho ou até mesmo quando faz confissões, fofocas ou conta piadas.

Outros estilos de fala podem ser observados e até mesmo provocados ou controlados nas entrevistas. Temos por exemplo, o estilo de fala controlado através de leitura de texto e de lista de palavras. Neste estilo de fala o informante concentra sua atenção na pronúncia das palavras e, conseqüentemente, tem uma fala mais tensa. O informante tem ainda mais cuidado quando a lista de palavras está organizada em pares, como por exemplo, pato – bato; fala – vala, etc.

Assim, quanto mais formal ou tensa for a entrevista, maior será o número de ocorrência de formas padrões, quanto mais informal ou relaxada maior será o número de ocorrência de formas não-padrão. Por isso, tendo em mente extrair do falante o vernáculo, durante as entrevistas buscou-se suscitar assuntos de interesse do falante, deixando-os à vontade para falar sobre o que queriam e relatar fatos importantes. O informante, ao narrar suas experiências pessoais, desvencilha-se praticamente de qualquer preocupação com a forma (Tarallo, 1994, p.23).

Mesmo, seguindo as orientações de Labov de como conseguir a tão procurada fala informal, descuidada, casual e espontânea, durante a entrevista podemos observar que mesmo diante dessa espontaneidade existem graus de formalidade. O cancelamento da vogal alta posterior átona final que estamos investigando é observada sobretudo no vernáculo, na fala espontânea. Por esta razão testes de elicitación de palavras isoladas ou leitura não foram adotados nesta pesquisa.

Na seção a seguir serão apresentados quais foram os parâmetros estruturais delimitados nesta pesquisa.

## **6 – PARÂMETROS ESTRUTURAIS**

Nesta seção serão apresentados os parâmetros estruturais ou lingüísticos com o objetivo de observar se algum desses parâmetros se correlaciona com a seqüência de segmentos altos adjacentes que sofrem alteração no português brasileiro quando o primeiro vogal da seqüência é uma vogal anterior e o segundo segmento é uma vogal posterior.

### **1 – Ambiente Fonético**

Sabemos que há nas línguas vários exemplos em que um som precedente ou seguinte modifica outro. Observamos isso em Schane<sup>4</sup> (apud Madureira, 1987, p. 37)

“A maioria dos processos fonológicos pode ser explicada como fenômenos articulatorios ou de percepção. A assimilação tem explicação natural na co-articulação. Durante a formação de um som, os órgãos articulatorios podem estar antecipando a articulação de outro som e, conseqüentemente, o primeiro som será modificado na direção do segundo, ou a articulação do primeiro será estendida à do segundo. Os efeitos da co-articulação são prontamente observados quando consoantes se tornam palatalizadas ou labializadas diante de vogais palatais (anteriores) ou labiais (arredondadas).”

Dessa forma, buscando evidenciar se fatores estruturais estão correlacionados ao comportamento de vogais altas adjacentes no português brasileiro, o ambiente fonológico

---

<sup>4</sup> SCHANE, S.A. *Fonologia gerativa*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

seguinte foi considerado. Foram, então, selecionados os seguintes ambientes que seguem a vogal alta posterior átona final precedida de vogal alta anterior tônica:

- a) Seguidas de consoantes (*Hoje está frio demais.*);
- b) Seguidas de vogais (*Que lindo carrinho amarelinho!*);
- c) Seguidas de pausa (*Este é meu vizinho.*).

## 2 – Número de sílabas

A extensão do vocábulo tem sido um dos parâmetros estruturais relevantes nos estudos de variação linguística. A extensão do vocábulo classifica cada item de acordo com o seu número de sílabas. Segundo Mollica, 1992 p. 56 “os segmentos tendem à não realização, quando as cadeias vocabulares são grandes.” Portanto, de forma a observar se o número de sílabas correlaciona com a redução de um dos segmentos da sequência de vogal alta anterior seguida de vogal alta posterior, consideramos o seguinte:

- a) monossílabos (*tio*)
- b) dissílabos (*vinho*)
- c) trissílabos (*gatinho*)
- d) polissílabos (*japonezinho*)

## 3 – Classe Gramatical

Consideramos como parâmetro estrutural a classe gramatical de cada item. Esse parâmetro é importante para se entender a distribuição dos dados na língua. Gonçalves, 1992, p.71 ao analisar os fenômenos de aférese e prótese da vogal inicial /a/, afirma que os verbos e

os adjetivos abrem as portas para a mudança, seguidos pelos substantivos, preposições e advérbios. Dessa forma, de modo a observar se a classe gramatical dos itens se correlaciona com o cancelamento da vogal alta posterior átona precedida de vogal alta anterior tônica, os itens lexicais foram classificados em:

- a) substantivo (*baixinho, vizinho, navio*)
- b) adjetivo (*bonitinho, frio*)
- c) advérbio (*devagarzinho*)
- d) pronome (*todinho*)
- e) verbo (*confio*).

#### 4 – Estrutura morfológica

A estrutura morfológica do item foi considerada uma vez que temos itens lexicais em que a seqüência “inho” exerce a função morfológica de sufixo diminutivo, como, por exemplo “baixinho” e “pouquinho”. Existem, ainda, os itens lexicais em que a seqüência “inho” não exerce a função morfológica de sufixo diminutivo como em “vinho” e “sobrinho”.

Resumindo, analisaremos nesta pesquisa quatro parâmetros estruturais e três parâmetros sociais, como mostra a TAB. 9 a seguir:

TABELA 9

Parâmetros sociais e estruturais adotados

Parâmetros sociais	Sexo	Feminino
		Masculino
	Idade	Jovens – 18 a 34 anos
		Medianos – 35 a 62 anos
	Classe Social	Baixa
		Média

Parâmetros Estruturais	Ambiente fonético	Seguido de Vogal
		Seguido de Consoante
		Seguido de Pausa
	Número de sílabas	Monossílabo
		Dissílabo
		Trissílabo
		Polissílabo
	Classe gramatical	Substantivo
		Adjetivo
		Advérbio
		Pronome
		Verbo
	Estrutura Morfológica	Sufixo diminutivo
		Não sufixo diminutivo
		Seqüência [i u]

## 7 – TRANSCRIÇÃO DOS DADOS

O *corpus* foi constituído a partir de dados das dezesseis entrevistas que foram transcritas utilizando a ortografia convencional. Primeiramente, foram seleccionados todos os dados que continham as seqüências segmentais em que o primeiro segmento da seqüência era uma vogal alta anterior e o segundo segmento da seqüência uma vogal alta posterior átona final:

- a) diminutivo [ ɲʊ]
- b) não diminutivo [ ɲʊ]
- c) [i] tónico + [u] átono final = [i ʊ] (frio, tio)

- d) [i] átono + [u] átono final = [ɪ̯u] (negócio, ócio)
- e) glide intervocálico [eɪ̯], [aɪ̯], [oɪ̯] + [u] átono final (meio, Maio, apoio)
- f) [iʌu] (trabalho, velho, filho, olho)

Os casos considerados nesta pesquisa envolvem os casos (a, b e c) acima que foram digitados e codificados 363 dados distribuídos da seguinte forma:

- ✓ 253 itens lexicais na forma diminutiva (bonitinho, cafezinho, biscoitinho);
- ✓ 55 itens lexicais na forma não diminutiva (vizinho, vinho, carinho, etc.);
- ✓ 55 itens lexicais com ditongo decrescente [i̯u̯] (frio, tio);

O *corpus* final foi, então, constituído de 363 dados sendo 253 itens lexicais na forma diminutiva, 55 itens lexicais na forma não diminutiva e 55 itens com a seqüência de vogais altas [i̯u̯].

No próximo capítulo analisaremos os 363 dados que compõe o *corpus* desta pesquisa observando que segmentos altos adjacentes sofrem alteração no português brasileiro quando o primeiro dos segmentos da seqüência é uma vogal alta anterior tônica e o segundo segmento uma vogal alta posterior átona.

# CAPÍTULO V

## ANÁLISE DOS DADOS

### 1. ANÁLISE GERAL DOS DADOS

Neste capítulo serão analisados 363 dados que envolvem o cancelamento de vogais altas anteriores átonas precedidas de vogais altas anteriores tônicas. Esses dados foram submetidos ao programa de análise estatística Minitab for Windows versão 13. O Minitab é um software estatístico destinado a análise estatística em vários ramos do conhecimento. Em formato de planilha, ele conta com todas as funções matemáticas para manipulação de dados. Além disso, possui uma tela complementar onde são mostrados todos os resultados das funções estatísticas utilizadas. O campo da estatística tem auxiliado nas pesquisas lingüísticas, pois fornece princípios e metodologias para coletar, resumir, analisar, interpretar dados, e extrair conclusões com base nos resultados das análises.

Vejamos, a seguir, os resultados gerais do cancelamento da vogal alta posterior átona final [u] apresentado nos três casos especiais (5b.) e (5c) que envolvem a seqüência segmental [ĩɲʊ] em diminutivos e não diminutivos e a seqüência de vogais altas [i.u]. Analisaremos os dados de forma geral e posteriormente, cada caso será tratado particularmente correlacionando os parâmetros sociais e os estruturais.

1. Total dos 363 casos analisados:

TABELA 10 – Total Geral de Reduções

Casos	Nr.	%
Redução (0)	169	46,56
Não-redução (1)	194	53,44
Total	363	100,0

Podemos observar um número significativo de cancelamento da vogal alta final [u] no total geral dos casos.

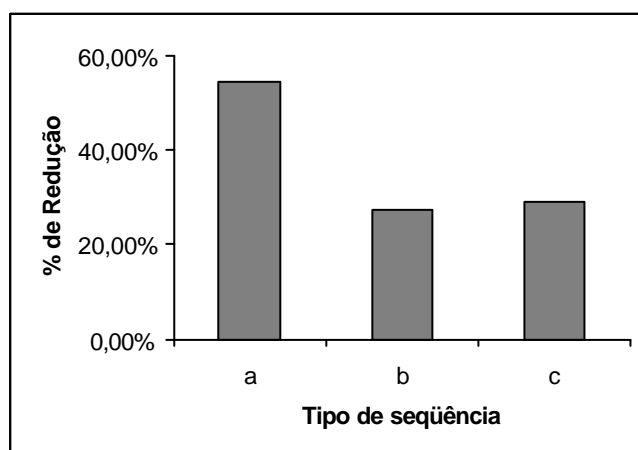
2. Total geral em relação a cada um dos casos: a) diminutivo; b) não diminutivo; c) seqüência [iu]

TABELA 11 – Total geral de reduções para cada tipo de seqüência

Tipo de seqüência	Dados	Percentual
<b>a – [ĩɲu] diminutivo</b>	138/253	54,54%
<b>b – [ĩɲu] não diminutivo</b>	15/55	27,27%
<b>c – [iu]</b>	16/55	29,09%

$$X^2 = 21,453; P = 0,000$$

GRÁFICO 1 – Total geral de reduções para cada tipo de seqüência



Observamos nestes resultados que a redução da vogal alta posterior átona final apresentou maior índice nos casos da seqüência [ĩɲʊ] em diminutivos, ou seja 54,54% dos casos. Em segundo lugar o índice de redução da vogal alta posterior átona para os casos da seqüência [iʊ] foi 29,09%. Finalmente, os casos de seqüência [ĩɲʊ] em não diminutivos apresentou um índice percentual de 27,27% de redução da vogal alta posterior átona final. Os índices do chi-quadrado e nível de significância são relevantes, o que nos leva a sugerir que a redução da vogal alta posterior átona final, nos três casos analisados, apresenta maior incidência na seguinte ordem: seqüência [ĩɲʊ] em diminutivos > seqüência [iʊ] > [ĩɲʊ] em não diminutivos.

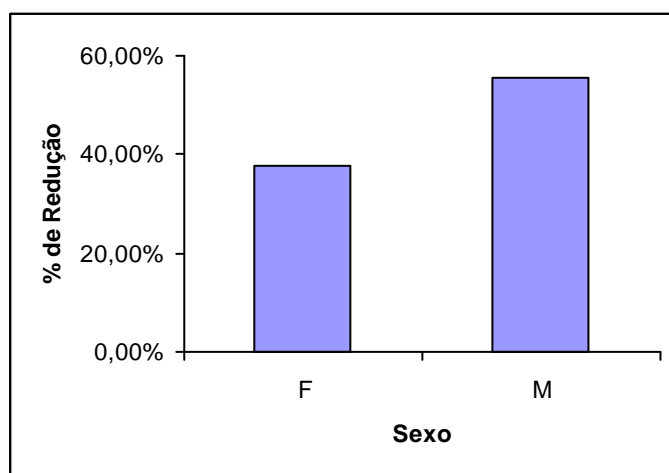
### 3. O parâmetro sexo, em relação aos três casos de cancelamento

TABELA 12 – Total geral de reduções do sexo para os três casos

Sexo	Dados	Percentual
F	69/183	37,70%
M	100/180	55,55%

$$\chi^2 = 11,621 \quad P = 0,001$$

GRÁFICO 2 – Total geral do sexo para os três casos



Os resultados mostram que os homens cancelam mais a vogal alta final [u] do que as mulheres. Esse resultado corrobora o fato de que a fala das mulheres é mais cuidadosa, como vimos na p. 70 desta dissertação. Podemos, então, inferir, que as formas reduzidas como “baixim” e “fri” são formas menos prestigiadas pela sociedade. Dessa forma, as mulheres usariam menos a forma reduzida já que elas usam menos formas estigmatizadas do que os homens (Labov, 2001, p.340).

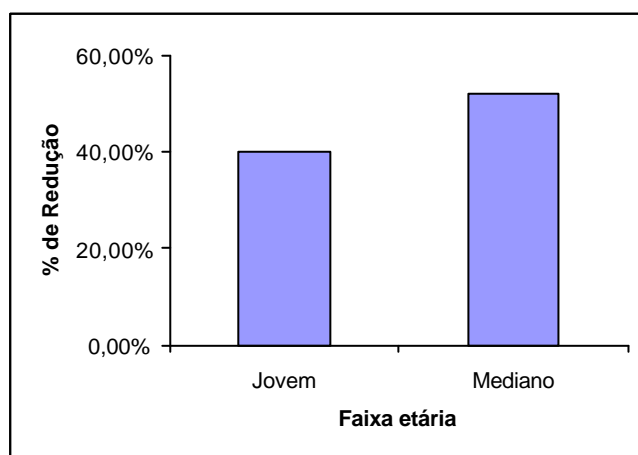
#### 4. O parâmetro faixa etária, em relação ao três casos de cancelamento

TABELA 13 – Total geral de reduções da faixa etária para os três casos

<b>Idade</b>	<b>Dados</b>	<b>Percentual</b>
<b>Jovem</b>	66/165	40,00%
<b>Mediano</b>	103/198	52,02%

$$X^2 = 5,226 \quad P = 0,022$$

GRÁFICO 3 – Total geral de reduções da faixa etária para os três casos



Verificamos nos dados gerais que os falantes com a faixa etária mediana cancelam mais que os falantes mais jovens. Veremos mais à frente como esses dados se relacionam com cada caso de cancelamento da vogal alta final [u]. Isto porque a análise de cada caso em particular não nos permite generalizar conclusivamente em relação a faixa etária.

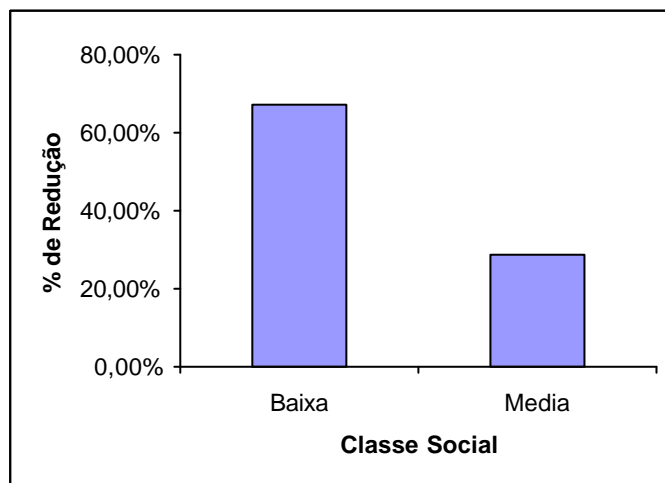
#### 5. O parâmetro classe social, em relação aos três casos de cancelamento

TABELA 14 – Total geral de reduções da classe social para os três casos

<b>Classe Social</b>	<b>Dados</b>	<b>Percentual</b>
<b>Baixa</b>	113/168	67,20%
<b>Media</b>	56/195	28,70%

$$\chi^2 = 53,886 \quad P = 0,000$$

GRÁFICO 4 – Total geral de reduções para a classe social para três casos



Em relação à classe social podemos afirmar que o índice de cancelamento da vogal alta final [u] é maior bem na classe social baixa. Os valores do chi-quadrado e o nível de significância nos permitem sustentar esta afirmação com bastante certeza.

## 6. Parâmetro estrutural ambiente seguinte em relação aos três casos de cancelamento

O ambiente fonético seguinte à vogal alta posterior átona final que pode ser cancelada é: uma Consoante, uma Vogal ou uma Pausa. Na análise geral, estes fatores estruturais, em relação ao ambiente fonético seguinte, não apresentaram índices de probabilidades significantes e um valor de chi-quadrado baixo, não ficando muito evidente que exista alguma associação entre o ambiente e o número de reduções. Nos dados gerais os índices para o ambiente fonológico seguinte foram:  $X^2= 0,142$   $P = 0,932$ . Mesmo para os casos tratados particularmente, isto é, os casos de diminutivos, não diminutivos e seqüência de vogais altas [iu], o resultado foi análogo.

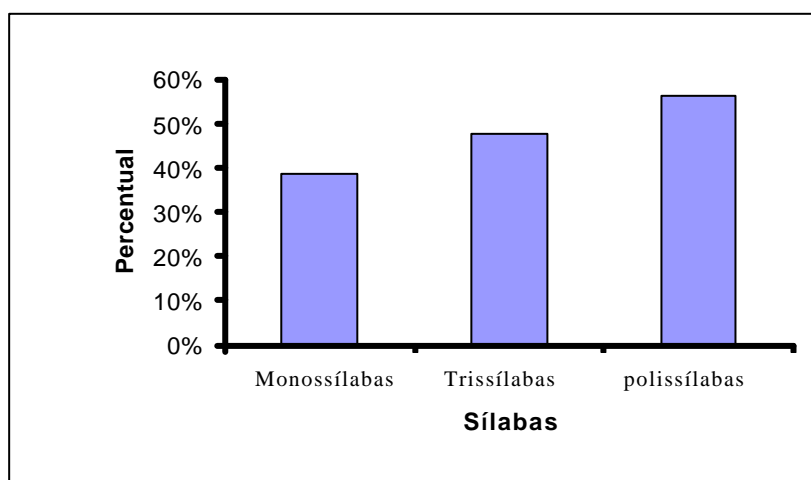
## 7. Parâmetro estrutural número de sílabas em relação aos três casos de cancelamento

TABELA 15 – Total geral de reduções do número de sílabas para os três casos

<b>Sílabas</b>	<b>Dados</b>	<b>Percentual</b>
<b>Monossílabos</b>	14/36	38,88%
<b>Dissílabos</b>	0/7	0%
<b>Trissílabos</b>	93/196	47,44%
<b>Polissílabos</b>	62/110	56,36%

$$X^2 = 17,332 \quad P = 0,001$$

GRÁFICO 5 – Total geral de reduções do número de sílabas para três casos



Na análise geral dos dados, o parâmetro número de sílabas apresentou índices significativos. Contudo, nos casos em particular esta variante não se mostrou significativa ao apresentar índices probabilísticos não relevantes. Os índices para cada caso em particular serão apresentados separadamente mais à frente. Podemos sugerir que o parâmetro número de sílabas na palavra que apresenta a redução da vogal alta posterior átona final seja investigado em maiores detalhes em pesquisa futura.

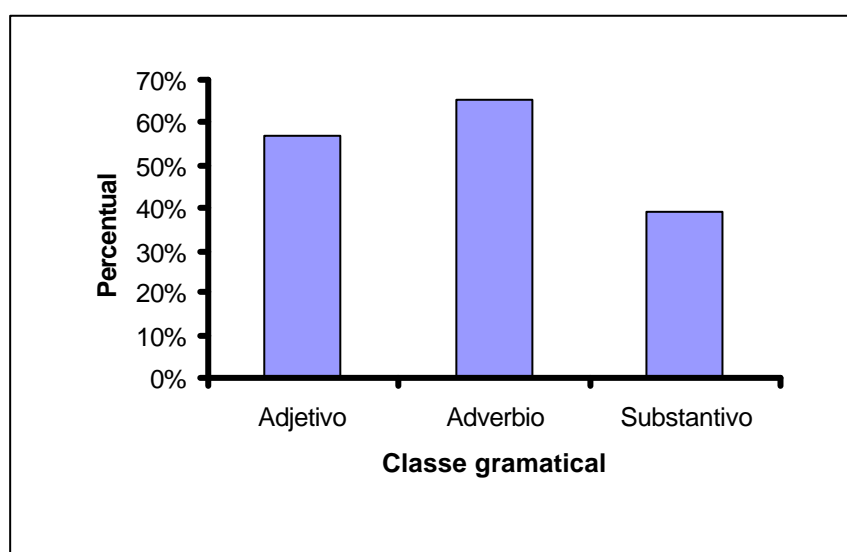
#### 8. Parâmetro estrutural classe gramatical em relação aos três casos de cancelamento

TABELA 16 – Total geral de reduções da classe gramatical para os três casos

<b>Classe Gramatical</b>	<b>Dados</b>	<b>Percentual</b>
<b>Advérbio</b>	34/52	65,38%
<b>Adjetivo</b>	41/72	56,94%
<b>Substantivo</b>	92/234	39,31%
<b>Verbo</b>	1/4	25%
<b>Pronome</b>	1/1	100%

$$H = 17,31 \quad P = 0,002$$

GRÁFICO 6 – Total de reduções da classe gramatical para os três casos



Os resultados do parâmetro classe gramatical mostra a seguinte ordem do cancelamento da vogal alta final [u]: advérbios > adjetivos > substantivo. Note que o índice de 100% do pronome se dá devido ao fato de só ter havido uma ocorrência deste caso (“todinho”). No caso dos verbos somente um verbo ocorreu “confio” (quatro vezes), por isso, os casos de verbos e pronomes devem ser analisados em um corpus mais extenso em pesquisa futura para que tenhamos resultados mais expressivos.

#### 9. Comportamento do indivíduo em relação aos três casos de cancelamento

O comportamento do indivíduo mostrou-se importante. Alguns indivíduos apresentam taxa de 100% de cancelamento da vogal alta final [u] e outros apresentam 0% de cancelamento da vogal alta final [u]. A discussão sobre o papel do indivíduo será apresentada posteriormente.

Vejamos, a seguir, cada um dos três casos especiais em particular.

## 2 – ANÁLISE DOS DADOS COM A SEQUÊNCIA [ĩɲu] - DIMINUTIVO

A redução da vogal alta posterior átona final [u] foi inicialmente observada em casos de diminutivos. Vimos na análise geral dos dados uma taxa de 54,54% do cancelamento da vogal alta final [u]. Veremos a seguir cada parâmetro social e estrutural em relação à sequência segmental [ĩɲu] em diminutivos.

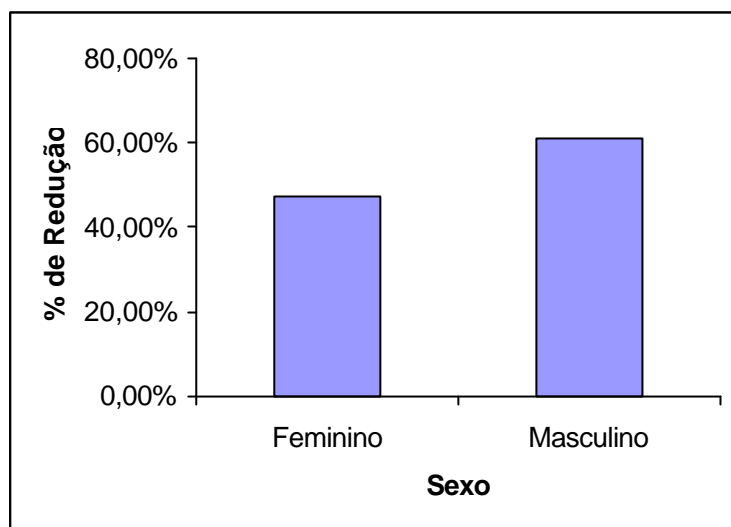
### 1. Sexo

TABELA 17 – Total de reduções do sexo para os diminutivos

<b>Sexo</b>	<b>Dados</b>	<b>Percentual</b>
<b>Feminino</b>	57/120	47,50%
<b>Masculino</b>	81/133	60,90%

$$X^2 = 4,57 \quad P = 0,033$$

GRÁFICO 7 – Total de reduções do sexo para os diminutivos



Quanto ao sexo em relação à seqüência segmental [ĩɾʊ] em diminutivos, podemos observar que os homens cancelam mais a vogal alta posterior átona final. Este resultado, como vimos na análise dos dados gerais corrobora a afirmação de Mollica, 1998 presente na p. 70 desta dissertação, que entre os homens costuma prevalecer a ocorrência de formas lingüísticas de baixo prestígio social.

Os resultados desta pesquisa mostraram que os homens falam mais diminutivos, contradizendo a intuição levantada na p.70 desta dissertação, em que “o uso de diminutivos parece ser recorrente na fala das mulheres”. Podemos questionar que o tamanho da amostra possa ter contribuído para esse resultado, ou mesmo o fato de os homens estarem sendo entrevistados por uma mulher. Fica, na verdade, outro ponto que somente uma pesquisa futura poderá esclarecer se de fato os homens usam mais o diminutivo ou se a amostra desta pesquisa demonstrou isso acidentalmente. Talvez considerar entrevistas concedidas por um homem a um outro homem e de uma mulher a um homem. Contudo, resultados que mostraram que o uso de formas de diminutivos ocorre mais entre os homens, foram obtidos por Martins (2002), para o dialeto de Belo Horizonte. A nossa expectativa e a intuição geral

dos falantes que consultamos é que as mulheres usam mais as formas de diminutivos. Os resultados desta pesquisa e de Martins (2002) parecem indicar que são os homens que mais usam formas de diminutivo. Hipotetizamos que as mulheres pudessem usar mais formas de diminutivos em adjetivos mas os resultados em nossos dados não foram estatisticamente relevantes. Esclarecimentos em relação ao uso do diminutivo por sexos diferentes ainda são necessários.

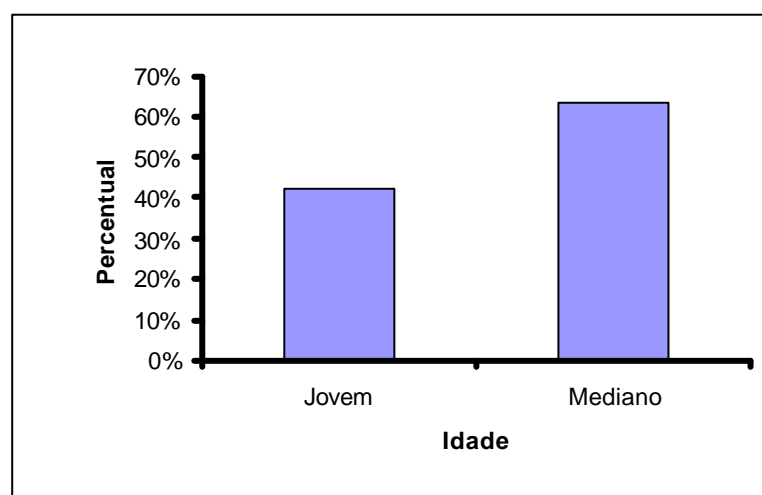
## 2. Faixa etária

TABELA 18 – Total de reduções da faixa etária para os diminutivos

<b>Idade</b>	<b>Dados</b>	<b>Percentual</b>
<b>Jovem</b>	45/106	42,45%
<b>Mediano</b>	93/147	63,26%

$$X^2 = 10,760 \quad P = 0,001$$

GRÁFICO 8 - Total de reduções da faixa etária para os diminutivos



Observamos que os falantes de faixa etária mediana cancelam mais a vogal alta posterior átona final do que os jovens. Estes dados mostram que o cancelamento da vogal alta

posterior átona final parece refletir uma variação estável, de acordo com a abordagem sociolinguística.

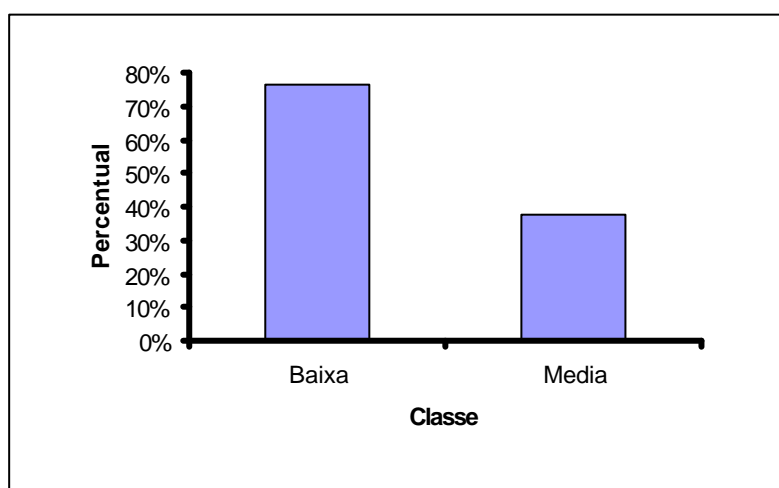
### 3. Classe social

TABELA 19 – Total de reduções da classe social para os diminutivos

<b>Classe</b>	<b>Dados</b>	<b>Percentual</b>
<b>Baixa</b>	86/113	76,11%
<b>Media</b>	52/140	37,14%

$$X^2 = 32,288 \quad P = 0,000$$

GRÁFICO 9 - Total de reduções da classe social para os diminutivos



Podemos ver pelos resultados que a classe baixa cancela mais a vogal alta posterior átona final, embora o fenômeno ocorra também entre os falantes da classe média. Esse resultado nos remete ao estudo de Barros, 1998 e Monteiro, 1997 sobre a fala de falantes da Paraíba e de Fortaleza, respectivamente, em que “a escolha entre /inho/ e –im/, assim como /zinho/ e /zim/ esteja relacionada à escolaridade, à classe social ou origem do falante”. Em outras palavras, parece que o cancelamento da vogal alta posterior átona final nas formas de diminutivo é uma forma de baixo prestígio social.

#### 4. Ambiente fonético seguinte

Como vimos na análise geral dos dados o parâmetro estrutural ambiente fonético seguinte à vogal alta posterior átona final, que eram Consoante, Vogal e Pausa, não foram relevantes. No caso particular da seqüência [ĩɲʊ] em diminutivos, da mesma forma, os resultados não são relevantes e apresentam os seguintes índices:  $X^2 = 0,108$ ;  $P = 0,947$ .

#### 5. Número de sílabas

O parâmetro estrutural número de sílabas também não se mostrou relevante ao observarmos em particular o caso da seqüência [ĩɲʊ] em diminutivos. Foram apresentados os seguintes resultados:  $X^2 = 0,259$   $P = 0,61$ . Contudo, na análise geral dos dados este parâmetro se mostrou relevante e deve ser investigado em pesquisa futura ao ser tratado com maior especificidade.

#### 6. Classe gramatical

TABELA 20 – Total de reduções da classe gramatical para os diminutivos

<b>Ambiente</b>	<b>Dados</b>	<b>Percentual</b>
Advérbio	34/52	65,38%
Adjetivo	39/65	60,00%
Substantivo	63/134	47,01%

$$H = 7,94 \quad P = 0,094$$

Igualmente ao resultado dos dados gerais para as classes gramaticais que apresentaram maior índice de cancelamento da vogal alta posterior átona final, nos casos da seqüência [ĩɲʊ] em diminutivos a ordem de cancelamento em relação à classe gramatical foi advérbio > adjetivo > substantivo.

## 7. O indivíduo

O comportamento do indivíduo se mostrou relevante na análise dos dados envolvendo o cancelamento da vogal alta posterior átona final e a seqüência segmental [ĩɲʊ] em diminutivos. Este tópico será tratado mais adiante.

### 3 – ANÁLISE DOS DADOS COM A SEQÜÊNCIA [ĩɲʊ] – NÃO DIMINUTIVO

Na análise geral dos dados a seqüência [ĩɲʊ] em não diminutivos apresentou um índice de cancelamento da vogal alta posterior átona final de 27,27% . Veremos a seguir cada parâmetro social e estrutural em relação à seqüência segmental [ĩɲʊ] em não diminutivos.

#### 1. Sexo

TABELA 21 – Total de reduções do sexo para os não diminutivos

<b>Sexo</b>	<b>Dados</b>	<b>Percentual</b>
Feminino	8/38	21,05%
masculino	7/17	41,18%

$$\chi^2 = 2,398 \quad P = 0,12$$

Novamente, os homens apresentam uma tendência a cancelar mais a vogal alta final [u], mas temos um  $X^2$  baixo e um índice de significância alto. Os resultados da tendência não podem ser confirmados, embora a mesma tendência tenha sido observada nos resultados gerais.

## 2. Faixa etária

TABELA 22 – Total de reduções do faixa etária para os não diminutivos

<b>Idade</b>	<b>Dados</b>	<b>Percentual</b>
Jovem	7/16	73,75%
Mediano	8/39	20,51%

$$X^2 = 3,089 \quad P = 0,079$$

Ao contrário dos resultados gerais e dos resultados para os diminutivos que apontou os índices maiores para os falantes da faixa etária mediana do que para os falantes mais jovens, neste caso os falantes mais jovens apresentam índice de cancelamento da vogal alta posterior átona final maior do que dos falantes de faixa etária mediana. Contudo, a tendência é fraca devido aos índices do  $X^2$  e do nível de significância. Necessitaríamos de dados adicionais para confirmarmos essa tendência.

## 3. Classe social

TABELA 23 – Total de reduções da classe social para os não diminutivos

<b>Classe</b>	<b>Dados</b>	<b>Percentual</b>
Baixa	15/34	44,11%
Média	0/21	0,00%

$$H = 12,739 \quad P = 0,000$$

Novamente, em relação à classe social temos fortes evidências que a classe baixa cancela mais a vogal alta átona final [u]. Observamos na tabela que na fala dos indivíduos da classe média não ocorreu nenhuma redução da vogal alta posterior átona final, enquanto que na fala dos indivíduos da classe baixa, 15 casos apresentaram reduções (44,11%). Estes casos de redução não são a maioria mas é um percentual bem diferente dos indivíduos da classe média.

#### 4. Ambiente fonético seguinte

Assim como nos resultados gerais e nos resultados da seqüência [ĩɲʊ] em diminutivos, neste caso o ambiente fonético seguinte à vogal alta final [u] (Consoante, Vogal e Pausa) não se mostrou relevante e apresentou os seguintes índices:  $X^2 = 0,1354$  ;  $P = 0,838$

#### 5. Número de sílabas

Neste caso em particular, seqüência [ĩɲʊ] em não diminutivos, o número de sílabas não se mostrou relevante apresentando os seguintes índices:  $X^2 = 2,256$   $P = 0,112$ . Contudo nos resultados gerais o número de sílabas se mostrou relevante e deve ser investigado em pesquisa futura ao ser tratado com maior especificidade.

#### 6. Classe gramatical

TABELA 24 – Total de reduções da classe gramatical para os não diminutivos

<b>Classe gramatical</b>	<b>Dados</b>	<b>Percentual</b>
Adjetivo	1/2	50,00%
Substantivo	14/53	26,41%

$$H = 0,53 \quad P = 0,466$$

O resultado para a relação entre a classe gramatical e a redução da vogal alta posterior átona final na seqüência [ĩɲʊ] em palavras não diminutivas era, de certa forma, esperado, uma vez que a maioria das palavras envolvidas é substantivo. Os dois únicos casos de adjetivos que ocorrem são da palavra “sozinho”, em que uma delas apresenta redução. Dados complementares e pesquisas futuras podem esclarecer se há comportamento análogo aos diminutivos tendo um maior número de dados, já que os índices de chi-quadrado e significância não são bons.

Finalmente, vamos considerar o último caso de seqüência [iu] e depois concluiremos em geral.

#### 4 – ANÁLISE DOS DADOS COM A SEQÜÊNCIA DE VOGAIS ALTAS [iu]

Na análise geral dos dados a seqüência de vogais altas [iu] apresentou um índice de cancelamento da vogal alta posterior átona final de 29,09%. Veremos, agora, cada parâmetro social e estrutural em relação à seqüência de vogais altas [iu].

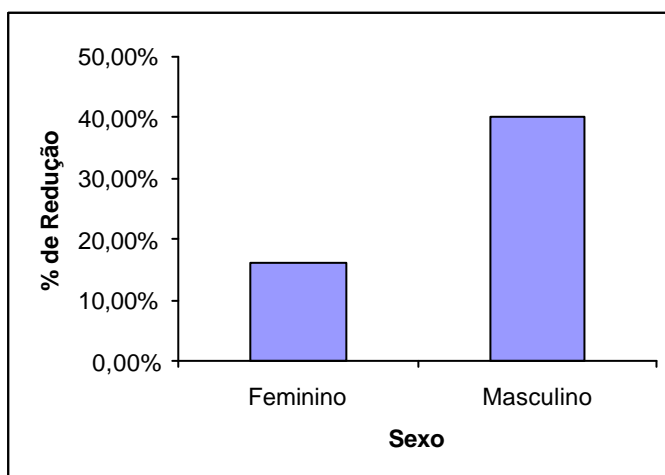
##### 1. Sexo

TABELA 25 – Total de reduções do sexo para a seqüência [iu]

Sexo	Dados	Percentual
Feminino	4/25	16,00%
Masculino	12/30	40,00%

$$\chi^2 = 3,808 \quad P = 0,051$$

GRÁFICO 10 – Total de reduções do sexo para a seqüência [iu]



Pela tabela observamos que os homens e as mulheres, em sua maioria, não apresentam reduções, porém, note que a proporção de mulheres que não apresentam reduções é bem maior que a proporção de homens. Isto confirma a tendência geral de que os homens cancelam mais a vogal alta átona final [u] do que as mulheres.

## 2. Faixa etária

Quanto à idade dos informantes, ao contrário da tendência geral e do diminutivo de que falantes da faixa etária mediana cancelam mais do que falantes jovens, temos o seguinte:

TABELA 26 – Total de reduções da faixa etária para a seqüência [i u]

<b>Idade</b>	<b>Dados</b>	<b>Percentual</b>
Jovem	14/43	32,56%
Mediano	2/12	16,66%

$$X^2 = 1,149 \quad P = 0,284$$

Pelo teste não temos evidências de associação entre o parâmetro estrutural faixa etária e o cancelamento da vogal alta átona final [u] na seqüência de vogais altas [i u]. Tem um  $X^2$  baixo e um P alto. Teríamos que der mais dados para afirmarmos esta tendência. A investigação do fator faixa etária em relação ao cancelamento da vogal alta posterior átona final deve ser considerado em pesquisa futura.

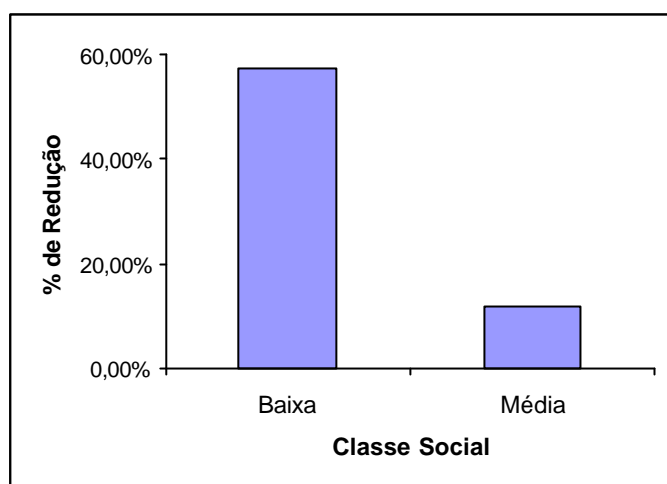
## 3. Classe social

TABELA 27 – Total de reduções da classe social para a seqüência [i u]

<b>Classe</b>	<b>Dados</b>	<b>Percentual</b>
Baixa	12/21	57,14%
media	4/34	11,76%

$$X^2 = 12,959 \quad P = 0,000$$

GRÁFICO 11 – Total de reduções da classe social para a seqüência [i u]



Novamente, temos fortes evidências de associação entre as classes sociais e o número de reduções. Veja que os indivíduos de classe média, em sua maioria, não apresentam reduções, enquanto que a maioria dos indivíduos de classe baixa apresenta reduções.

#### 4. Ambiente fonético seguinte

Assim como nos resultados gerais e na seqüência [ĩɲʊ] em diminutivos e não diminutivos, neste caso de seqüências de vogais altas [i u] o ambiente fonético seguinte à vogal alta final [u] não se mostrou relevante. Esse parâmetro estrutural apresentou os seguintes índices:  $X^2 = 3,878$  ;  $P = 0,144$ .

#### 5. Número de sílabas

O número de sílabas já havia se mostrado irrelevante na formas de não diminutivos e, neste caso de seqüência de vogais altas [i u] esse parâmetro estrutural também não se mostrou relevante, apresentando os seguintes resultados:  $X^2 = 1,26$   $P = 0,532$ . Contudo,

o número de sílabas se mostrou relevante nos dados gerais e deve ser investigado em pesquisa futura ao ser tratado com maior especificidade.

#### 6. Classe gramatical

Os resultados não apresentaram evidências de associação entre o parâmetro estrutural classe gramatical e o cancelamento da vogal alta final [u]. Os índices apresentados foram:  $H = 1,58$   $P = 0,453$ .

## 5 – DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Dos 363 dados analisados podemos observar que o maior índice de cancelamento da vogal alta átona final [u] foram entre os casos de diminutivos (54,54%), embora os demais casos também apresentem índices importantes: não diminutivos (27,27%) e seqüência de vogais altas [i u] (29,09%).

Em todos os três casos considerados os homens lideram o cancelamento da vogal alta átona final [u], confirmando a tendência dos resultados de pesquisas variacionistas em que entre os homens costuma prevalecer a ocorrência de formas lingüísticas de baixo prestígio social. As mulheres apresentam menor índice de cancelamento da vogal alta final [u] o que também demonstra que a fala da mulher é mais cuidadosa.

A classe social baixa apresenta índices bem maiores de cancelamento da vogal alta final [u] do que a classe média. Este resultado foi válido para os três casos analisados. O parâmetro estrutural classe social para Chambers (1995) é um dos fatores determinantes do papel social do indivíduo na sociedade moderna. Seria importante em pesquisa futura avaliar o grau de escolaridade dos falantes para verificar se há interferência de familiaridade com a

escrita e o cancelamento da vogal alta final [u]. Seria interessante também investigar como as crianças adquirem a alternância entre o cancelamento e o não cancelamento da vogal alta final [u] em diferentes classes sociais e também na fase de letramento.

Em relação à faixa etária a tendência geral e dos casos de diminutivos foi de que os falantes da faixa etária mediana cancelam mais a vogal alta átona final [u] do que os falantes jovens. Os casos de não diminutivo e da seqüência de vogais altas [i u] apresentaram uma tendência percentual contrária, indicando que os falantes jovens cancelam mais do que os falantes da faixa etária mediana, mas os índices estatísticos não podem confirmar tal tendência. Portanto, os dados evidenciam que, possivelmente, o cancelamento da vogal alta átona final [u] é mais recorrente entre os falantes da faixa etária mediana.

O ambiente fonético seguinte à vogal alta [u] (Consoante, Vogal e Pausa) e o número de sílabas não se mostraram estatisticamente relevantes em nenhum dos três casos analisados. Este fato será explorado na conclusão.

Em relação à classe gramatical, podemos dizer que tendência geral dos diminutivos é a seguinte ordem: advérbio > adjetivo > substantivo. Os índices estatísticos não se mostraram esclarecedores para os demais casos de não diminutivos e seqüência de vogais altas [i u] em relação à classe gramatical dos itens lexicais.

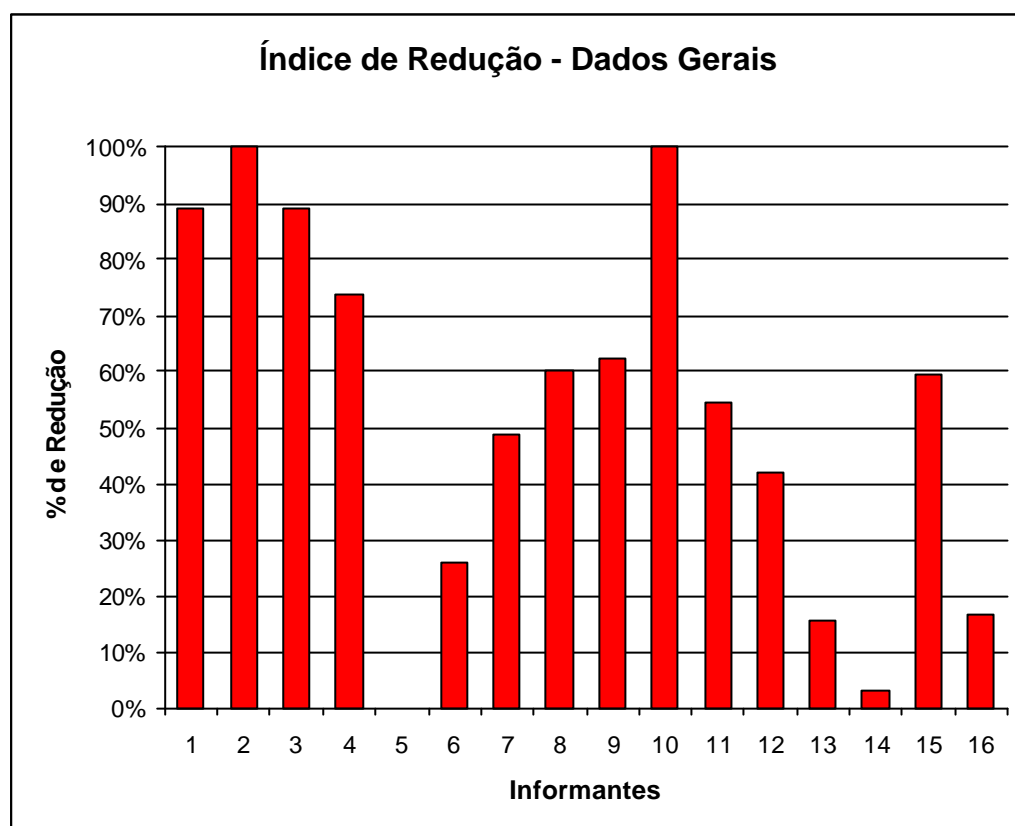
Analisaremos a seguir o comportamento do indivíduo e da palavra em relação aos três casos considerados nesta pesquisa.

## **6. COMPORTAMENTO DO INDIVÍDUO E DA PALAVRA**

### **1. Comportamento do indivíduo em relação aos dados gerais**

Considere o GRAF. 12, a seguir, que apresenta o índice geral de redução da vogal alta átona final [u] nos 363 dados observados e em todos os três casos considerados.

GRÁFICO 12 – Índice de redução nos dados gerais



Observe na análise geral dos dados que os informantes 2 e 10 apresentam casos de 100% de redução. O informante 2 é do sexo masculino, jovem e da classe social baixa. O informante 10 é do sexo feminino, jovem e de classe social baixa. Ao considerarmos o indivíduo como um parâmetro de análise separado observamos que o informante 10 contradiz, em parte, a análise geral dos resultados, uma vez que, as mulheres mostraram-se mais cuidadosas do que os homens (55,55%) contra (37,70%) das mulheres. Da mesma forma, contrariando os resultados gerais para o parâmetro faixa etária em relação aos três casos considerados, notamos que os dois informantes que mais cancelam a vogal alta posterior átona final (infor. 2 e infor. 10) são jovens. Contudo, o parâmetro classe social mostra-se evidente nos dois informantes, pois ambos pertencem à classe social baixa. Confirmando os resultados que indicam a classe social baixa como fator relevante no cancelamento da vogal

alta posterior átona final, e que talvez, possa estar favorecendo o cancelamento da vogal alta final [u].

Observe, ainda, no GRAF. 12 que os informantes 5 e 14 apresentam índices baixíssimos de redução, ou seja, o informante 5 apresenta índice de 0% e o informante 14 apresenta índice de 3%. O informante 5 é do sexo masculino, jovem e da classe social média. O informante 14 é do sexo feminino, jovem e de classe média. Veja que o indivíduo tem fator importante em uma análise lingüística. Mais uma vez, contrariando os resultados gerais, vemos que o informante com 0% de redução é do sexo masculino. Já o informante 14 confirma quase todos os resultados gerais, exceto pelo fato de ser jovem, já que é do sexo feminino e o índice de cancelamento esperado é baixo e é da classe social média.

Oliveira, 1992, p. 40 conclui assim seu artigo:

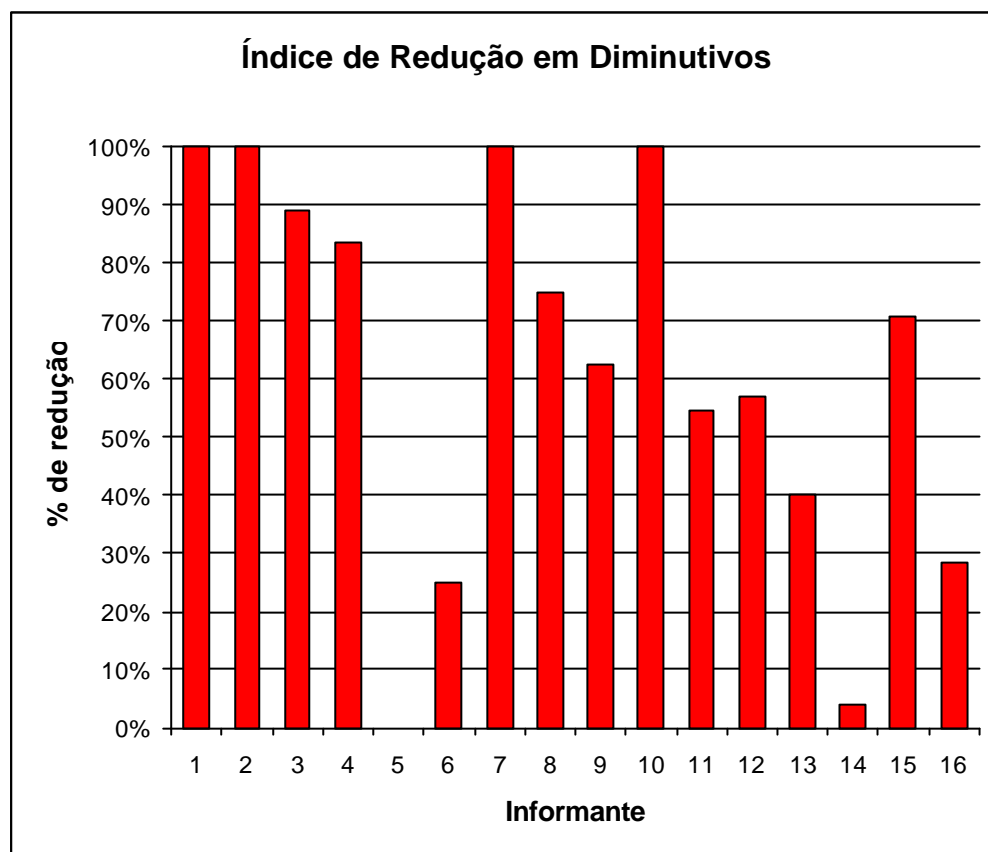
“A menos que haja alguma razão séria em contrário, sugiro que o comportamento individual seja checado para todos os itens lexicais. Somente depois disto é que os indivíduos poderão ser agrupados, se isto for possível. A divisão da comunidade de fala em grupos (ou classes, ou estratos) não é, necessariamente, o último estágio da divisão. Na verdade, ninguém demonstrou ainda que esta fosse a divisão correta.”

Veremos a seguir como os indivíduos se comportaram em relação ao caso de seqüência segmental [ĩɲʊ] em diminutivos, uma vez que os resultados apresentados foram bem consistentes.

## 2. Comportamento do indivíduo em relação à seqüência segmental [ĩɲʊ] em diminutivos

Considere o GRAF. 13, a seguir, que apresenta o índice de redução da vogal alta átona final [u] nos 253 dados observados em relação à seqüência [ĩɲʊ] em diminutivos.

GRÁFICO 11 – Índice de redução em relação à seqüência [ɪ̃ɲʊ] em diminutivos



Observe que os informantes 1, 2, 7 e 10 apresentam índices de 100% de redução da vogal alta posterior átona final nos casos de diminutivos. Os informantes 1, 2 e 7 são do sexo masculino, confirmando os resultados que mostram que os homens cancelam mais do que as mulheres. Para homens, em geral, o índice de redução é 60,90% e para mulheres 47,50%. Contrariamente, temos o informante 10 que é do sexo feminino, com índice de cancelamento de 100%. Este comportamento não é esperado, uma vez que, as mulheres têm mostrado uma fala mais cuidadosa e, conseqüentemente, o uso menor de formas de menor prestígio social.

Os informantes 1, 2 e 10 são jovens o que mais uma vez indica o comportamento único do indivíduo em relação aos resultados apresentados para os diminutivos, que apontam

os falantes da faixa etária mediana como os que mais cancelam a vogal alta final [u]. Falantes da faixa etária mediana apresentam índice de redução 63,26% e falantes jovens 42,45%.

Em relação à classe social, os informantes 1, 2 e 10 confirmam os resultados apresentados pois fazem parte da classe social baixa, que apresentou um alto índice de cancelamento da vogal alta final [u] (76,11%). Contudo, o comportamento do informante 7 não é consistente com os resultados já que ele apresenta um índice de redução de 100% em relação ao resultado total da classe social média que é 37,14%. Este informante, em particular, tem um alto grau de afinidade com o entrevistador e, talvez, o grau de informalidade durante a entrevista, por ter sido alto, possa estar contribuindo, assim, para o cancelamento da vogal alta posterior átona final [u].

Podemos citar vários estudos que consideraram o fator indivíduo como fator relevantes em suas pesquisas: Guimarães, 2004; Pagotto, 2004; Huback, 2003; Sangster, 2002. Fontes-Martins (em andamento) avalia particularmente o papel do indivíduo na implementação de mudanças sonoras.

Vejamos, a seguir, o comportamento individual das palavras.

### **3. COMPORTAMENTO INDIVIDUAL DAS PALAVRAS**

Para a teoria da Difusão Lexical o objeto acarretador das mudanças lingüísticas é a palavra. O léxico exerce um papel fundamental dentro desta teoria e a grande preocupação dos teóricos é apontar quais as palavras são mais expostas ou menos expostas à mudança sonora. Oliveira, 1992, p. 40 admite que “as razões que levam um item lexical a ser mais, ou menos, vulnerável a uma inovação ainda são obscuros”. Para autor ainda precisamos de muito trabalho sobre o papel do léxico na mudança sonora.

Na tentativa de contribuir para compreendermos melhor o papel do léxico na variação e mudança lingüística, analisamos no QUADRO 1 as 10 palavras em formas diminutivas que mais ocorreram no corpus:

QUADRO 1 – Palavras diminutivas com maior índice de ocorrências

Palavra	Nr. Ocorrências	Nr. reduções/ ocorrências	% de redução
pouquinho	22	13/22	59%
gatinho	16	4/16	25%
pertinho	10	4/10	40%
bonitinho	10	6/10	60%
pintinho	8	8/8	100%
direitinho	7	7/7	100%
passarinho	7	3/7	43%
quadrinho	7	7/7	100%
certinho	6	3/6	50%
rapidinho	6	6/6	100%

Podemos observar um comportamento diferenciado entre as palavras quanto ao valor médio geral de cancelamento da vogal alta final [u] que foi de 54,54%. Note que alguns itens lexicais apresentaram o cancelamento da vogal alta final [u] em todos os casos (100%). Por outro lado nestes 10 itens que mais ocorreram no corpus encontramos índices de 25% para “gatinho”, 43% para “passarinho” e 60% para “bonitinho”. A variabilidade em relação ao cancelamento da vogal alta final [u] em formas de diminutivo nos leva a postular que tal fenômeno esteja sendo implementado lexicalmente, como sugere a Difusão Lexical. Portanto, a teoria da Difusão Lexical nos permite caracterizar o comportamento diferenciado dos indivíduos e o comportamento diferenciado dos itens lexicais. Vimos que os resultados foram bem mais consistentes para os itens lexicais em forma de diminutivo do que em formas de não diminutivo e em itens lexicais com seqüência de vogais altas [iu].

Mencionamos, anteriormente, que Mollica (1998) sugere que a alteração segmental sugere que a alteração segmental -ndo > -no ocorre em maior grau nas formas de gerúndio. Ou seja, a classe das formas de gerúndio sedimentam a mudança de -ndo > -no e que tal mudança pode (ou não) afetar outras classes. No caso da redução -ndo > -no outras classes de palavras parecem estar sendo afetadas: “quando”, “Fernando”, etc.

Gostaríamos de sugerir uma situação análoga para o cancelamento da vogal posterior átona final em formas nominais. A classe das formas de diminutivo contribui para a sedimentação da mudança (54,54%) sendo que as outras classes são afetadas com índices menores. A teoria da Difusão Lexical acomoda esta análise por considerar o item lexical como o locus de implementação de uma mudança sonora.

A Difusão Lexical sugere que as mudanças fonéticas sejam foneticamente abruptas (Wang, 1969). Neste ponto gostaríamos de discordar da teoria da Difusão lexical pois nos parece que o cancelamento da vogal alta átona final [u] não é foneticamente categórico e discreto. Ao contrário, a avaliação auditiva nos leva a sugerir que o cancelamento da vogal alta átona final [u] cria condições propícias para que a vogal alta anterior nasal tônica seja alongada. Algo que poderíamos representar como: “baix[ĩ̯u] > baix[ĩ̯:]” para “baixinho”. A hipótese desta linha de investigação seria que a vogal nasal final decorrente do cancelamento do [u] átono final, como em baix[ĩ̯:]” para “baixinho”, terá uma duração maior do que vogais com a mesma qualidade vocálica neste contexto que ocorrem em português, como em “assim” em que a vogal final não seria longa: [a<sup>1</sup>sĩ̯]. Análise experimental futura poderá investigar este ponto que levantamos. Tal investigação contribuirá para ampliarmos o escopo da teoria da Difusão Lexical ou contrastá-la com modelos como a Fonologia de Uso (Bybee, 2001) que sugere que as mudanças sonoras sejam fonética e lexicalmente graduais.

## CAPÍTULO VII

### CONCLUSÃO

Nesta dissertação analisamos o cancelamento da vogal alta posterior átona final em três casos: seqüência segmental [ĩɲʊ] em diminutivos, seqüência segmental [ĩɲʊ] em não diminutivos e seqüência de vogais altas [iʊ] entre os falantes da comunidade de fala de Belo Horizonte. Foram analisados no total 363 dados. A análise envolveu a relação de parâmetros sociais (sexo, faixa etária e classe social) e parâmetros estruturais (ambiente fonético seguinte, número de sílabas e classe gramatical) com o cancelamento da vogal átona final [u]. Foi considerado, ainda, o comportamento do indivíduo e da palavra dentro da abordagem teórica da Difusão Lexical. Concluimos o seguinte:

- O índice de cancelamento da vogal átona final [u] é maior em diminutivos do que para os outros casos: 54,54% para diminutivos; 27,27% para não diminutivos e 29,09% para seqüência de vogais altas [iu].
- Os homens cancelam mais (55,55%) a vogal átona final [u] do que as mulheres (37,70%), corroborando a idéia de que as mulheres têm a fala mais cuidadosa do que os homens.
- O índice de cancelamento da vogal átona final [u] entre os falantes da classe baixa foi bastante alto para os três casos. A classe baixa cancelou 67,20% contra 28,70% da classe média.

- O fato de falantes da classe baixa e falantes do sexo masculino cancelarem mais a vogal alta átona final nos leva a considerar que o cancelamento da vogal alta átona final, como em “baixim”, “fri”, “vizim”, seja uma forma sem prestígio.
- O cancelamento da vogal alta átona final não está relacionado a nenhum ambiente fonético seguinte à vogal alta átona final (Consoante, Vogal ou Pausa) em nenhum dos três casos considerados. De acordo com a teoria da Difusão Lexical em que as mudanças são implementadas lexicalmente, o ambiente fonético pode até influenciar na mudança, mas ele não determina quais as palavras serão afetadas pela mudança. Oliveira (1997, p.34) sobre o ambiente fonético afirma que “... o contexto fonético atua somente *a posteriori*, fixando relações harmônicas entre os elementos envolvidos numa mudança sonora, e não *a priori*, como condicionador/disparador de uma mudança”.
- Na análise particular de cada um dos três casos, o número de sílabas não se mostrou significativo.
- O parâmetro classe gramatical se mostrou significativo na análise do caso do diminutivo. A ordem de cancelamento da vogal alta átona final foi: advérbio > adjetivo > substantivo. Contudo, nos casos dos não diminutivos e da seqüência de vogais altas [iu] há a necessidade de verificar a tendência com um número maior de dados.
- Os indivíduos têm comportamentos diferentes, embora a tendência seja semelhante para um grupo geral de pessoas, como é o caso da classe baixa em que o índice de cancelamento da vogal alta átona final é alto.

- As palavras parecem ter comportamentos específicos. Sendo que a classe dos diminutivos parece implementar o cancelamento da vogal alta posterior átona final.
- O cancelamento da vogal alta átona final nos parece estar sendo implementado de forma gradual foneticamente, o que nos leva a questionar o modelo da Difusão Lexical e sugerir uma análise do ponto de vista da Fonologia de Uso (Bybee, 2001) com evidência de fonética experimental, uma vez que sugere que as mudanças sonoras sejam fonética e lexicalmente graduais.
- Vimos, ainda, mais dois casos de alterações segmentais em seqüências de vogais altas no português brasileiro envolvendo o cancelamento da vogal alta átona final. Temos o caso de vogais altas e glide intervocálico como em [ˈmɛ̃ʊ] “meio” e, vogais altas precedidas de consoante palatal vocalizada [y], como em [ˈfiyʊ] “filho”. Estes casos não foram considerados nesta pesquisa, mas foram registrados para investigações futuras.

Com estes resultados esperamos ter contribuído para compreendermos melhor o cancelamento da vogal alta posterior átona final em seqüência segmental [ɪ̃ʊ] em diminutivos e não diminutivos e em seqüência de vogais altas [iʊ]. Esta pesquisa espera ter contribuído, ainda, para avanço das pesquisas lingüísticas e dos estudos envolvendo a Difusão Lexical, já que essa teoria tem ampliado cada vez mais a análise de fenômenos de variação e mudança lingüística adicionando critérios como o papel do indivíduo e do léxico.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALKMIM, Tânia. Sociolinguística. In: MUSSALIM, Fernanda & BENTES, Anna (orgs.) *Introdução à lingüística 1*. São Paulo: Editora Cortez, 2001, p.21-48.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37 ed. rev. e amp. Rio de Janeiro: Ed. Lucerna, 2004.

BYBEE, Joan. *Phonology and language use*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Análise Fonológica*. Campinas: Edição do Autor, 1997.

\_\_\_\_\_. *Alfabetização e lingüística*. 10 ed. São Paulo: Editora Scipione, 1997.

CALLOU, Dinah, LEITE, Yonne. *Iniciação à fonética e à fonologia*. 5.ed. Rio de Janeiro: Jorhe Zahar Editor, 1995.

CÂMARA JR. J. M. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. 28 ed. RJ: Padrão, 1998.

CHAMBERS, J.K. *Sociolinguistic theory: linguistic variation and its social significance*. Oxford: Blackwell, 1995.

CHEN, M. e WANG, W.S-Y. *Sound change: actuation and implementation*. *Language*, 51 (2) p.9-24, 1975.

COELHO, Maria S.V. *Uma abordagem variacionista do uso de formas de tratamento no norte de Minas*. Dissertação de Mestrado, FALE/UFMG, 1999.

CUNHA, Celso. *Língua portuguesa e realidade brasileira*. 10 ed. Rio de Janeiro: Ed. Tempo Brasileiro, 1994.

\_\_\_\_\_. *Gramática do Português Contemporâneo*. 2 ed. Belo Horizonte: Ed. Bernardo Álvares S.A, 1971.

CRYSTAL, David. *The Cambridge Encyclopedia of Language*. Cambridge University Press, 1987, pp. 4-5.

CRISTÓFARO-SILVA, Thais. *Fonética e fonologia do português – Roteiro de estudos e guia de exercícios*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 1999.

\_\_\_\_\_. Difusão lexical: estudo de casos do português brasileiro. In MENDES, E.A. de M., OLIVEIRA, P. M., BENN-IBLER, V. (orgs.) *O novo milênio: interfaces lingüísticas e literárias*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2001.

ELMAN et. al. *Rethinking Innateness*. Cambridge: The MIT Press. Cap. 1, Cap.2, Cap.6 e Cap. 7, 1996.

FARACO, Carlos Alberto. *Lingüística Histórica – uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Ática, 1998.

FIDELHOLTZ, James. *Word frequency and vowel reduction in English*. *CLS* 11:200-213, 1975.

FONTES MARTINS, Raquel Márcia. *A organização do componente fonológico e o comportamento do indivíduo*. Tese (Doutorado em Lingüística) - Faculdade de letras, UFMG, Belo Horizonte, em andamento.

FRANÇA, Júnia Lessa et al. *Manual para Normalização de Publicações Técnico-Científicas*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. Aférese e prótese: verso e reverso fonológico. *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, vol. 1, p. 65-77, 1992.

GOLDSMITH, John. Os objectivos da fonologia autosegmental. In: MATEUS, Maria Helena Mira (Org.) *Novas perspectivas em fonologia*. Lisboa: ATAEFLUL, 1985, p. 295-333.

GOMES Cláudia Espíndola. Discurso poético e discurso histórico: uma relação intertextual. *Revista Linguagem em (Dis)curso*. Tubarão: Centro de Pós-Graduação da UNISUL. v.1. n.1, 2003.

GUIMARÃES, Daniela Mara Lima Oliveira. *Variação nas seqüências de (sibilante +africada alveolopalatal) no português de Belo Horizonte*. 2004. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2004.

HARE M., ELMAN J. Learning and morphological change. *Cognition*, California, v. 56, p.61-98, 1995.

HARRIS, Alice & Lyle Campbell. *Historical Syntax in Cross-Linguistic Perspective*. Cambridge: Cambridge University Press. Cap. 3: Overview of a theory of syntactic change, 1995.

HUBACK, Ana Paula da Silva. *Cancelamento do (r) final em nominais da cidade de Belo Horizonte: uma abordagem difusionista*. Dissertação de Mestrado, FALE/UFMG, 2003.

IBGE. Censo 2000. Disponível em:<<http://www.ibge.gov.br>> acesso em: agosto 2004.

JONES, Daniel. *The pronunciation of English*. Cambridge: Cambridge University Press, 1956.

LABOV, William. The study of language in this social context. In: *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, William. Resolving the neogrammarian controversy. In: *Language*, Washington, v.57, n.2, 1981.

\_\_\_\_\_. The design of a sociolinguistic research project. In: THE SOCIOLINGUISTICS WORKSHOP, 1972, The Central Institute of Indian Languages in Mysore, India. *Report of the Sociolinguistic Workshop*. Chapter II. Mysore, India, 1972.

\_\_\_\_\_. *Principles of Linguistic Changes: Internal Factors*. Oxford and Cambridge, MA: Basil Blackwell, 1994.

\_\_\_\_\_. Social Networks. In: *Principles of Linguistic Change: Social Factors*. Philadelphia: Blackwell, 2001. Cap.10. p. 325-365.

\_\_\_\_\_. Resolving the Gender Paradox. In: *Principles of Linguistic Change: Social Factors*. Philadelphia: Blackwell, 2001. Cap.11. p. 366-384.

\_\_\_\_\_. Portraits of the Leaders. In: *Principles of Linguistic Change: Social Factors*. Philadelphia: Blackwell, 2001. Cap.12. p. 385-411.

LAVER, John. *Principles of phonetics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

LESLAU, Wolf. *Frequency as a determinant of linguistic change in the Ethiopian languages*. Word 25, pp.180-89, 1969.

MARTINS, Maíra. *Estudo sobre o uso de diminutivos*. Trabalho acadêmico de conclusão de disciplina. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2002.

MATTOS E SILVA, Rosa V. Variação, mudança e norma. In: BAGNO, Marcos (org.) *Linguística da Norma*. São Paulo: Edições Loyola, 2002, p.291-315.

MCMAHON, April M.S. *Understanding language change*. Cambridge: CUP, 1994.

MILROY, James. *Linguistic Variation & Change*. Oxford: Blackwell, 1992.

MOLLICA, M.C. *Influência da fala na alfabetização*. RJ: Tempo Brasileiro, 1998.

MONTEIRO, José Lemos. A formação dos diminutivos no português oral de Fortaleza. In: HORA, Dermeval da (Org.) *Diversidade linguística do Brasil*. João Pessoa: Idéia, 1997, p. 115-130.

\_\_\_\_\_. *Morfologia portuguesa*. Fortaleza: EUFC, 1986.

NICOLAU, Eunice. *A ausência da concordância verbal em português: uma abordagem sociolinguística*. Dissertação de Mestrado, Belo Horizonte: FALE/UFMG, 1984.

\_\_\_\_\_. *Sobre o sujeito nulo no português culto falado no Brasil*. Anais do I Congresso Internacional da Associação Brasileira de Linguística. Salvador, 1997.

OLIVEIRA, Fernão de. *Gramática da Linguagem Portuguesa*. Edição Crítica, Semidiplomática e Anastática. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 2000.

OLIVEIRA, Marco Antônio. *The neogrammarian controversy revisited*. International Journal of the sociology of language. Berlin, v.89, p.93-105, 1991.

\_\_\_\_\_. Aspectos da difusão lexical. *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, vol. 1, p. 31-41, 1992.

\_\_\_\_\_. O léxico como controlador de mudanças sonoras. *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, ano 4, vol. 1, p. 75-92, 1995.

\_\_\_\_\_. Reanalizando o processo de cancelamento do (r) em final de sílaba. *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, vol. 6, p. 31-58, 1997.

PAGOTTO, Emílio Gozze. *Variação e (‘) identidade*. Maceió: UFAL, 2004.

PHILLIPS, Betty. Word frequency and the actuation of sound change. *Language*, 60, n.2:320-42, 1984.

\_\_\_\_\_. In: Bybee, Joan and Paul Hopper (eds.) 2001. *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

PREFEITURA DE BELO HORIZONTE. *BH 100 anos. Uma lição de história*. Disponível em: <http://portal2.pbh.gov.br/pbh/index.html>. Acesso em agosto 2004.

ROSA, Maria Carlota. *Introdução à Morfologia*. São Paulo: Ed. Contexto, 2000.

SANGSTER, Catherine M. *Inter- and Intra-Speaker Variation in Liverpool English: A Sociophonetic Study*. 2002. 290 f. Tese de Doutorado – University of Oxford, Oxford, 2002.

SANKOFF, David. Sociolinguistic and syntactic variation. In: NEWMYER, F.J. (ed.) *Linguistics: The Cambridge Survey, Language: The Sociocultural Context*. Vol. IV, Cambridge: Cambridge University Press, p.1460-61, 1988a.

SANTOS, Teotônio. *Conceito de classes sociais*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1983.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingüística Geral*, trad. brasileira. SP: Cultrix, 1972.

TARALLO, Fernando. *Tempos lingüísticos*. São Paulo: Ática, 1990.

\_\_\_\_\_, Fernando. L. *A Pesquisa Sociolingüística*. 4 ed. São Paulo: Ática, 1994.

WANG, William S-Y. Competing changes as a cause of residue. *Language* 45:9-25, 1969.

WEINREICH, U., HERZOG, M., LABOV, W. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W.P., MALKIEL, Y. *Directions for Historical Linguistics*. University of Texas Press, Austin & London, p.97-188, 1968.

WILLIAMS, Edwin. *Do Latim ao Português*. Fonologia e Morfologia Históricas da Língua Portuguesa. 3 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.